



Universidade Católica Portuguesa

Centro Regional de Braga

A Construção do Projeto Parental - Análise com recurso à Entrevista Clínica Geracional

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Família**

Teresa Rafaela Pinheiro Oliveira



FACULDADE DE FILOSOFIA
OUTUBRO 2012



Universidade Católica Portuguesa

Centro Regional de Braga

A Construção do Projeto Parental - Análise com recurso à Entrevista Clínica Geracional

Dissertação de Mestrado apresentada à
Universidade Católica Portuguesa para
obtenção do grau de mestre em **Psicologia da
Família**

Teresa Rafaela Pinheiro Oliveira

Sob a Orientação da Prof.^a Doutora **Fabrizia Raguso**
Co-Orientação do Prof.^a Mestre **Liliana Fernandes
Silva Limpo Trigueiros**



FACULDADE DE FILOSOFIA
OUTUBRO 2012

Agradecimentos

Para mim, a psicologia continua a ser um labirinto, labirinto este repleto de dificuldades e potencialidades. A procura de um fio condutor próprio, e o desenvolvimento profissional e pessoal dependeram fundamentalmente de algumas pessoas. Porque foi na relação que encontrei uma forma de desenvolver as minhas potencialidades nesta área e superar as dificuldades, não poderia deixar de agradecer a algumas pessoas que tornaram possível caminhar.

Em primeiro lugar, gostava de agradecer à minha família e ao meu cúmplice Bruno, pela paciência e apoio nas horas dedicadas a este caminho, pois sem eles nada do que consegui alcançar seria possível. Todo este trabalho, dedicação e esforço são dedicados a quem realmente acredita em mim!

Um fundamental agradecimento aos participantes na investigação, essenciais para compreender um pouco mais acerca da transição para a parentalidade e as suas vicissitudes, desejando mais uma vez votos de felicidade aos bebés que já nasceram.

Por último, um especial e incessante agradecimento à Mestre Liliana Trigueiros e à Doutora Fabrizia Raguso, por serem as minhas guias na procura por um fio condutor na Psicologia e por todo o apoio prestado durante este ano.

Resumo

O presente trabalho de investigação tem como principais objetivos compreender o processo de transição para a parentalidade, a construção do projeto de parentalidade por parte do casal e a exploração das expectativas face à chegada do filho, tendo por base o modelo relacional simbólico (Cigoli & Scabini, 2006). Para compreendermos este projeto, é importante compreender o espaço de vida familiar, ou seja, como são as relações entre os membros, quais as dinâmicas educacionais, quais os conflitos internos existentes, entre outros.

Neste seguimento, através de um estudo qualitativo, utilizamos dois instrumentos. Em primeiro lugar, foi aplicada a *Entrevista Clínica Geracional* (Cigoli & Tamanza, 2009; Facchin, Molgora, Gonçalves, 2010) para evidenciar como é que os casais constroem o enredo à volta do filho, que engloba muito mais do que as três personagens, desde o passado e a família de origem às expectativas futuras. Em segundo lugar, foi aplicado o instrumento projetivo “*O Desenho da Gravidez*”, construído pela autora para através do desenho explorarmos as expectativas dos pais face ao bebé.

Os resultados ressaltam a dimensão simbólica do acesso à parentalidade, sugerindo que a criança nasce num enredo de histórias e relações (Zornig, 2010). O casal nesta fase passa por variadas mudanças, não só ligadas ao passado de cada um mas também no presente do casal; e que a gravidez influencia a forma de vivenciar a relação de casal (Bouchard, Boudreau & Hébert, 1996). Existem tarefas desenvolvimentais (Iafrate & Scabini, 2003; Cigoli & Scabini, 2006) nesta fase em que é esperado que o casal as vivencie, e os resultados demonstram que as maiorias dessas tarefas começam a ser experienciadas durante a gravidez. Sendo assim, podemos dizer que esta fase influencia toda a dimensão relacional (Aulagnier, 1994; Cigoli & Scabini, 2006).

Palavras-chave: Família, gravidez, generatividade, projeto conjugal.

Abstract

This research work has as main objectives understand the process of transition to parenthood, the construction of the parenting project by the couple and exploitation of expectations given the arrival of the child, based on the relational symbolic model (Cigoli & Scabini, 2006). To realize this project, it is important to understand the Family life space, or in other words, how the relationships between members are, which are the educational dynamics, and what internal conflicts exist, among others.

Following this, through a qualitative study we used two instruments. Firstly, the clinical interview generational (Cigoli & Tamanza, 2009; Facchin, Molgora, Gonçalves, 2010) to show how couples build the plot around the child, which encompasses much more than the three characters from the past and family of origin to future expectations. Secondly, a projective instrument, "The design of Pregnancy", built by the author to explore through drawing the expectations of parents over the baby.

The results underscored the symbolic dimension of access to parenting, suggesting that the child is born in a tangle of stories and relationships (Zornig, 2010). the couple in this phase, goes through several changes, not only linked to the past of each one, but also linked to the couple's present, being pregnancy an influence to the way of experiencing the couple relationship (Bouchard, Boudreau & Hébert, 1996). There are developmental tasks (Iafrate & Scabini, 2003; Cigoli & Scabini, 2006) that in this stage it is expected that the couple to experience them, and the results demonstrate that the majority of these tasks begin to be experienced during pregnancy. Therefore, we can say that this phase influences the entire relational dimension (Aulagnier, 1994; Cigoli & Scabini, 2006).

Keywords: Family, Pregnancy, generativity, couple project.

Índice

Resumo	IV
Abstract.....	V
Índice de anexos	VII
Introdução	1
<i>I - Enquadramento teórico</i>	6
Família e parentalidade: uma evolução no tempo	6
1.2 A construção do projeto parental	12
1.2.1 Transição para a parentalidade e as suas principais transformações	16
1.2.2 A construção da aliança parental durante a gravidez.....	20
1.2.3 Expetativas e representações mentais durante a gravidez	23
<i>II- Parte empírica</i>	26
Método.....	26
2.1 Desenho do estudo	26
2.2 Participantes.....	26
2.3 Materiais	28
2.3.1 O Questionário Sociodemográfico	28
2.3.2 A Entrevista Clínica Geracional	28
2.3.4 O Desenho da Gravidez	30
2.4 Procedimentos de recolha dos dados	31
2.5 Análise dos dados	32
2.6 Apresentação dos resultados.....	33
2.6.1 Resultados: Entrevista Clínica Geracional	34
2.6.2 Resultados: “O Desenho da Gravidez”	38
2.7 Discussão dos resultados	41
Conclusão	51
Referências bibliográficas	54
Anexos	61

Índice de anexos

Anexos	61
Anexo I: Instrumentos utilizados.....	62
a) Questionário Sociodemográfico	62
b) A Entrevista Clínica Geracional.....	63
c) Guião de instruções “Desenho da Gravidez”	65
Anexo II: Consentimento informado	66
Anexo III: Grelha de análise de conteúdo final	67
Anexo IV: Grelha de análise do instrumento “Desenho da Gravidez”	90
Anexo V: Grelha de análise geral dos desenhos do instrumento “Desenho da Gravidez”	92

Introdução

A proposta deste estudo é contribuir para o aprofundamento do estudo em psicologia da família, procurando examinar o processo de construção da parentalidade e as principais dimensões consideradas durante o período da gravidez, tendo em conta a chegada de um terceiro elemento na família.

A família é um sistema que se move através do tempo e compreende novos elementos através do “nascimento, casamento, ou adoção” (Carter & McGoldrick, 1995, p. 9). Este peculiar sistema compreende um desenvolvimento que não se perpetua apenas com um relacionamento a dois, em que é formada uma família através de um casamento ou união findando na morte de um dos cônjuges, mas sim, um desenvolvimento contínuo, visto que na perspetiva relacional simbólica, a família é uma unidade emocional contínua, na qual permanecemos desde que nascemos e até mesmo depois da morte, através da “herança simbólica” (Scabini & Cigoli, 2006; Gambini, 2007).

O primeiro problema complexo que aparece em qualquer estudo na área da Psicologia da Família é a própria definição complexa desta. Ao longo do tempo, ao analisarmos os períodos históricos, apercebemo-nos da diversificação de o que é uma família. Tanto no passado como no presente, a entidade família apresenta-se com configurações mutáveis e instáveis, que se fazem e desfazem em função de acontecimentos individuais e familiares e também graças ao efeito de mudanças sociais (incluindo as mudanças económicas, culturais, entre outros.). Por outras palavras, podemos dizer que a entidade família vai recebendo influências e que a definição em si depende do contexto sociocultural e histórico em que estamos inseridos. No entanto, a família enquanto organismo vivo e sujeito social, também produz mudanças sociais. Afinal, o que é uma família? A definição de família mais tradicional aparece-nos hoje como a mais controversa atualmente, perante as novas formas de família.

Posto isto, uma definição que nos parece, de certa forma, apropriada ao contexto sociocultural e histórico português e até mesmo europeu, é a definição apontada por Fuster e Ochoa (2000). Segundo estes autores, a unidade conjugal, o grupo doméstico co-residente, a extensa rede de parentesco e o desenrole dos grupos de parentesco ao longo do tempo, são todas manifestações da família, na medida em que representam diferentes aspetos de uma instituição que tem a capacidade para exigir laços de lealdade

e autoridade. Minuchin (1982) completa-nos esta visão, referindo que a família é um sistema aberto e em constante transformação. As ações de cada um dos membros da família são orientadas pelas características intrínsecas ao próprio sistema familiar, mas podem mudar diante das necessidades externas.

Tendo já em conta a sua complexa organização, percebemos que atualmente, a família está em constante mudança e não há mais um modelo de referência única (Petrini, Alcântara & Moreira, 2007). Há cada vez mais divórcios e famílias monoparentais e poucos são os casais que optam por ter mais do que um ou dois filhos. Neste sentido, o conceito de família nuclear e casamento passaram por várias e longas transformações (Petrini, Alcântara & Moreira, 2007). A expressão mais marcante dessas transformações ocorreu no final da década de 60, com o aumento do número de divórcios levando a novos casamentos com parceiros distintos, filhos de diferentes uniões, famílias monoparentais, entre outros (Simionato & Oliveira, 2003). E de facto, hoje em dia, os filhos saem cada vez mais tarde do “ninho” e por isso, a construção de novas famílias é consequentemente afetada (Carter & McGoldrick, 1995; Cigoli, 2006).

Ao falarmos sobre estas raízes de construção duma família, inevitavelmente questionamo-nos sobre onde emerge o desejo de parentalidade, e de que forma uma mulher e um homem formam um casal e seguem para uma outra etapa e passam a ser pais. Silva (2004) refere que o processo pelo qual o casal passa para se tornar pai e mãe é constituinte de uma importante fase da existência do ser humano e que passa por diferentes etapas de elaboração e de aprendizagem emocional a partir das vivências desde a tenra idade, quando são transmitidos os primeiros desejos de “vir a ser pais”. Para Winnicott (1966), tornar-se pai e mãe, inicia-se numa conceção mental de que a criança nasce primeiramente na cabeça dos pais ao brincarem “de ser pais” e posteriormente na ideia de casal procriarem. Este desejo de parentalidade desenvolve-se no homem e na mulher, desde a infância, a partir de movimentos de identificação às figuras parentais, assumindo uma dimensão progressiva mais consciente sempre que um casal tem um projeto de vida em comum. Para Zornig (2010) desejar um filho significa termos uma representação de nós como mães, pais, como família. Ribeiro (2007) constatou que o desejo de sermos pais como os nossos pais emerge da nossa “trama identificatória” ou a chamada “dupla identificação”. Segundo a mesma autora, a constituição do desejo de parentalidade faz parte da cadeia simbólica constitutiva da própria identidade do sujeito visto que nascemos emaranhados numa teia de desejos maternos e paternos (conscientes e inconscientes) carregando as marcas de estarmos

vinculados a uma trama simbólica que transcende a biologia, mas que através desta, revela o nosso sentimento de pertença a uma família, a uma geração, a um lugar no mundo.

Para compreendermos melhor o processo de construção do projeto parental, consideramos importante analisar todo este processo durante um período mais específico do ciclo vital da família, que é o período da gravidez. Consideramos que é durante a gravidez que normalmente os pais conseguem ter maior consciência do seu projeto de vida em comum, das variadas influências dos contextos de vida de cada um e da sua relação. Neste sentido, Piccinini, Gomes, Nardi e Lopes (2008) referem que na gravidez ocorrem mudanças biológicas, psicológicas e sociais que influenciam a dinâmica psíquica individual e as demais relações sociais da gestante, a maneira como a mãe vive estas mudanças repercute intensamente na constituição da maternidade e na relação mãe - bebé. No entanto, a nosso ver, o pai tem também um papel fundamental durante o período de gravidez e aparece aqui como a principal fonte de apoio para a mulher e para o bebé. De facto, alguns pais sentem-se profundamente envolvidos durante a gravidez e mostram uma grande disponibilidade emocional para esta experiência (Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes & Tudge, 2004).

A gravidez é de facto um momento de transição e mudança e que exige ao casal uma adaptação árdua, onde importa acatar um conjunto de tarefas de desenvolvimento (Conde & Figueiredo, 2007), nomeadamente o ajustamento às várias transformações no corpo (neste caso na mãe), o ajustamento às expectativas dos novos papéis que se geram em torno do bebé, a reestruturação da rede de relações familiares, sociais, entre outras (Bradt, 1995; Conde & Figueiredo, 2007). Para Minuchin (1982), esta transição requer que o sistema se reorganize e aponta como principais tarefas a renegociação dos laços existentes relativamente ao poder interpessoal e ao grau de aproximação emocional da sua relação. Já Stern (1977) ressalta a dimensão simbólica do acesso à parentalidade, sugerindo que o nascimento de um filho transforma o psiquismo de cada um dos pais, produzindo mudanças profundas. Estas mudanças ocorrem não só por causa das projeções e representações parentais sobre o bebé, mas também pela mudança que a presença real do bebé provoca na interação entre ele e os pais.

Quando pensamos sobre a importância de ter um filho para um casal, as respostas podem ser imensas dependendo de casal para casal e a construção de um projeto parental apesar de ser cada vez mais desmistificado como algo “fácil”, é cada vez mais complexo e difícil de compreender pois há uma dificuldade em traçar uma

uniformidade na maneira de olhar, pensar e viver hoje em dia a parentalidade. A imagem não parece fácil de analisar considerando a inconsistência e variabilidade dos padrões comportamentais, que se estabeleceu como resultado das rápidas mudanças históricas, sociais, fatores institucionais, legais e até culturais que intervieram na alteração dos papéis antigos e consolidados. Tal como Carter e McGoldrick (1995) defendem que biologicamente tornar-se progenitor é o evento que identifica este estágio. No entanto, ser progenitor, é também um resultado psicológico e social, e modifica o equilíbrio entre trabalho, amigos, irmão, familiares e pais.

É importante ter em conta que tornar-se pai e tornar-se mãe dá-se então por vários fatores e é influenciado por tantos outros já anteriormente mencionados, desde a identificação com o modelo de pais que tivemos às mudanças sociais e culturais, tudo isto influencia esta etapa de transição. De facto, a transição para a parentalidade é atualmente representada por algumas características, quer a nível estrutural como a nível sociocultural, que modificaram o significado que um filho tem para os pais (Scabini & Iafrate, 2003). A este respeito, as mudanças mencionadas anteriormente, a drástica redução de nascimentos e aumento de nascimentos fora do casamento, o aumento geral da idade das mulheres que têm o primeiro filho e consequente redução de anos de fertilidade, e por último, a queda generalizada dos nascimentos de mais do que dois filhos por casal poderão ter alterado a forma como se encara hoje a parentalidade. Posto isto, surge a necessidade de fazer uma reflexão sobre a importância de uma construção plena da vida, da união de duas famílias de origem numa só (Boszormeny-Nagy & Spark, 2003). Afinal, o que leva a construir uma família? E a escolher um parceiro, com quem se pretende construir um projeto futuro comum? Ter um filho, insere-se neste projeto de vida?

Acreditamos que os seres humanos não nascem pais, tornam-se pais. A construção de um projeto em comum é influenciada por várias dimensões, algumas destas dimensões são históricas, sociais, culturais e outras são privadas, conscientes e inconscientes, pertencentes a cada um dos pais enquanto pessoas e enquanto futura família. A própria história de cada um, o modelo parental que presenciaram, o que foi transmitido e o que não foi, os fantasmas do passado, por vezes traumas infantis e a maneira como cada um os cicatrizou e elaborou também influenciarão este processo. Outras dimensões pertencem à própria criança, que acabam por influenciar fortemente como será este projeto comum. O bebé é um parceiro ativo na interação, é então um parceiro na construção da parentalidade (Stern, 1977; Cramer & Brazelton, 1992). As

expetativas que giram em torno do bebé, os desejos sobre o mesmo e receios, são o início da relação entre pais e bebé (Minuchin, 1982).

Como vimos, tornar-se pais é um desafio na nossa conjuntura atual, e cabe-nos a nós como investigadores, compreender o processo de construção do projeto parental, de onde este desejo de se tornarem pais vem. Portanto, com este trabalho temos como principal objetivo compreender o processo de construção do projeto parental, sendo que aliado a este grande objetivo, pretendemos perceber quais são as principais influências nesta construção, desde o envolvimento de cada indivíduo, à relação de casal, até às pessoas mais significativas presentes na história de vida de cada um. Afinal, tendo em conta todas as mudanças do conceito família, o que é e o que significa tornar-se pai e tornar-se mãe?

O objetivo deste texto é refletir sobre os elementos fundamentais do processo de construção da parentalidade, e onde se insere este projeto tendo em conta que atualmente vivenciamos uma indefinição do conceito família. Afinal, a parentalidade insere-se no conceito “ser família”? Quais os principais elementos na transição para a parentalidade? De que forma a relação do casal influencia este período? Qual a influência das famílias de origem em todo este processo? E por último, será que o desejo de parentalidade, nos aparece como um desejo de autorrealização (Scabini & Cigoli, 2006), fora ou além do projeto familiar? Ou seja, será que os pais vêm no filho um prolongamento de si mesmos?

A estrutura do nosso trabalho divide-se em duas principais secções, primeiramente apresentamos a secção do enquadramento teórico. A estrutura do enquadramento teórico do nosso trabalho divide-se em duas grandes partes. Na primeira, começamos por explorar o conceito família e o conceito parentalidade e as suas principais transformações ao longo da história. Na segunda parte, exploramos a construção do projeto parental e as suas principais transformações na vida familiar. Analisamos ainda, o constructo aliança parental e qual a sua relação com o envolvimento parental. Por último, tentamos compreender quais as expetativas levantadas durante a gravidez. A segunda secção, nomeadamente a secção do método, apresentamos os resultados desta investigação, que teve como recurso os seguintes instrumentos: a Entrevista Clínica Geracional (Cigoli & Tamanza, 2009; Facchin, Molgora, Gonçalves, 2010) e um instrumento projetivo construído com o propósito de compreender como vivenciam os pais a fase da gravidez e quais as expetativas e desejos projetados sobre o bebé, o “O Desenho da Gravidez”.

I - Enquadramento teórico

Família e parentalidade: uma evolução no tempo

Para compreendermos o constructo “parentalidade” e as suas principais dimensões, consideramos fundamental refletir sobre a evolução histórica e social do conceito família e das suas implicações na conjugação da parentalidade.

Segundo o modelo relacional sistémico, a família é um sistema, sistema este onde se reúnem valores, crenças, práticas, hábitos e conhecimentos, através da qual a família cria a sua dinâmica de desenvolvimento (Scabini & Iafrate, 2003; Scabini & Cigoli, 2006). A família é o “lugar” onde se organizam relações, relações primárias, que conectam e ligam as diferenças cruciais da natureza humana: a diferença de género e a diferença de gerações (Gambini, 2007). A relação familiar é primária no sentido que na família, os sujeitos estão ligados entre eles enquanto pessoas, na totalidade e unicidade do seu existir, para além dos papéis e tarefas que devem desenvolver (Scabini & Cigoli, 2006). Para Elsen (2002), a família é uma unidade de pessoas em interação, um sistema semiaberto, com uma história natural e própria composta por vários estádios/fases, sendo que em cada um deles, a família tem de realizar tarefas específicas. O mesmo autor aponta ainda que cada família tem o seu conjunto próprio de símbolos, significados, saberes e práticas que se define a partir das relações internas e externas à família. Já Roudinesco (2003) menciona que num sentido amplo, a família pode ser definida por um conjunto de pessoas ligadas entre si pelo casamento e filiação, e pela sucessão dos indivíduos descendendo uns dos outros como uma linhagem. De facto, a família é muito mais do que a parte integrante de uma origem biológica, é responsável pela socialização e transmissão de valores, crenças e costumes. Por outras palavras, muito mais do que uma construção biológica é uma construção social, um espaço para a garantia de sobrevivência e desenvolvimento integral dos seus membros (Cigoli & Scabini, 2006).

Foi no início dos anos 60 que a família começou a ganhar destaque enquanto objeto de estudo da psicologia e da sociologia, em especial por duas razões: a família é o principal contexto de desenvolvimento humano e preditor do ajustamento psicossocial e porque para o estudo da pessoa, temos de compreender o seu contexto social e relacional. Parece-nos fundamental compreender o processo de transição para a

parentalidade sobre o modelo relacional e familiar, ou seja, considerando o contexto relacional e social em que este processo está inserido.

Podemos dizer que a família é de facto a matriz identitária e é um dos aspetos mais valorizados pelo ser humano (Flaquer, 1998), e tal como foi referindo anteriormente, está em constante processo de mudança, daí a dificuldade dos estudiosos em encontrar uma definição para este constructo. Neste seguimento, iremos explorar de seguida, toda esta evolução contrastando sempre com o objetivo do nosso estudo, compreender a construção do projeto de parentalidade. Acreditamos, antes de iniciarmos o discurso sobre a família e a parentalidade nos dias de hoje, torna-se pertinente compreender a evolução histórica que estas duas dimensões foram tendo ao longo do tempo.

Para Roudinesco (2003) houve três grandes momentos de evolução da família, as famílias tradicionais, as famílias modernas e as famílias da era pós-moderna. A autora começa por referir o primeiro momento reportando para a família tradicional, que estaria submetida a uma autoridade patriarcal, em que o pai era tido como o senhor da família e o objetivo seria a transmissão de um património; os casamentos (a maioria) eram organizados/acertados entre os pais, e por vezes em idade precoce dos filhos. As famílias na era moderna, a partir do século XVIII até aos meados do século XX, estariam fundadas no amor romântico e reciprocidade afetiva, onde o filho aparece-nos como responsabilidade por um lado dos pais e por outro lado, do Estado, onde era valorizada também a divisão do trabalho entre os esposos, fazendo ao mesmo tempo do filho um sujeito cuja educação estaria encarregue de assegurar. Por último, a família pós-moderna (desde os anos 60), emerge da relação entre dois indivíduos que procuram realização íntima, onde a sua relação entre eles teria uma duração relativa e onde a transmissão de autoridade se tornou mais difícil de gerir, graças ao aumento de divórcios, separações e famílias reconstituídas. Segundo Anton (1998), a família da era pós-moderna ou contemporânea, é uma família de múltiplas aparências, onde o lugar de poder está descentralizado. Roudinesco (2003) refere que é uma família horizontal, na qual cada um se sente autónomo. A mesma autora refere que apesar de observarmos muitas transformações na estruturação da família, a família contemporânea, na sua dimensão horizontal e em redes, mantém-se como estrutura organizadora e segura para os seus membros e constitui um espaço fundamental para a troca afetiva e transmissão simbólica, mencionando ainda que a família “*é o único valor seguro ao qual ninguém quer renunciar*” (Roudinesco, 2003, p. 198).

Ainda neste seguimento, também Cigoli e Scabini (2006) distinguiram em três momentos a evolução da ordem familiar. Começam por apontar a sociedade tradicional, na qual a família era uma entidade social distinta, composta pelo casal e seus filhos. Segundo estes autores era uma unidade doméstica que se diferenciava da comunidade social e preconiza a sua independência. O pilar da família era a relação entre os membros do casal, ainda que com diferenças de poder. Até então, a família reúne dois conceitos, a família enquanto relação, casamento e descendência e a família enquanto unidade a viver sob o mesmo teto e sob a autoridade do mesmo chefe. Neste período, o Cristianismo influenciava imenso a família, sendo que eram seguidos certos princípios, nomeadamente, os deveres do marido para com a esposa estavam acima dos deveres para com os seus pais, no entanto mantinha-se o princípio de respeito aos pais e de ajuda quando necessário; as propriedades da família ficavam a cargo do pai até à sua morte; a sexualidade tinha como finalidade principal a procriação, o casamento era monógamo e o divórcio era proibido exceto no caso de traição por parte da mulher. Segundo os mesmos autores, a família moderna surge no século XVIII, no qual a família era vista como sendo a estrutura básica da sociedade, com certos princípios, tais como a monogamia, moralidade e espiritualidade. Existiam também determinados fundamentos da ordem familiar, nomeadamente a autoridade do marido, a submissão da esposa e a dependência dos filhos. É importante anotar que neste período o contexto social e histórico sofreu algumas mudanças em que, nomeadamente, passou a haver um maior controlo da natalidade, a nível económico, a sociedade agrária passou a industrial e a sociedade era mais consumista.

Segundo Cigoli e Scabini (2006), neste período, existia uma cisão entre a família nuclear e a família extensa, sendo que a presença dos avós assegurava a transmissão de valores e cuidados aos netos. Relativamente à família contemporânea ou família pós-moderna, atualmente a família se designa pela união de dois indivíduos a procura de relações íntimas e realização individual, sem que para isso seja necessário uma união eterna (Roudinesco, 2003; Cigoli & Scabini, 2006). Nesta fase, apercebemo-nos da perda do domínio paterno para uma partilha do papel com a mãe, no entanto o pai permanece como transmissor do património do sangue e do nome, a identidade. Neste período, vivenciamos uma transformação significativa nas configurações familiares, nas relações intergeracionais e na sexualidade. Existe também uma re-compreensão das etapas da vida como envelhecimento e juventude, sendo que há uma articulação com as permanências e mudanças em relação à posição de cada membro do grupo familiar.

Para falarmos sobre a família e sobre a parentalidade, temos de ter em conta três aspetos fundamentais, a família como um organismo vivo, o ciclo vital, e a sua estrutura/organização interna (Cardinali, 1993). Quando o autor fala na família como um organismo vivo, refere-se ao facto da família ser um lugar, onde através da interação dinâmica com os outros, se constrói a identidade e se contribui para a evolução desse mesmo processo em todos. Segundo o mesmo autor, o pai ou a mãe, não existem em si mesmos, mas só existem como um pai porque é pai de filhos, um homem é o pai se há uma criança que o tornou tal. Como é sabido, grande parte da identidade pessoal constrói-se em relação com os outros.

Rapoport e Rapoport (1982) identificam cinco fontes de diversidade nas famílias: 1) *Organização interna*: A diversidade dos padrões de trabalho doméstico, trabalho renumerado e não renumerado; 2) *Cultura*: variações nas condutas, crenças e práticas como resultado de influências culturais, éticas, políticas e religiosas; 3) *Classe Social*: diferença no acesso a recursos materiais; 4) *Período Histórico*: resultado das experiências particulares das pessoas nascidas num determinado período histórico; 5) *Ciclo Vital*: mudanças resultantes dos acontecimentos ao longo do ciclo vital (ter filhos, se estes são bebés ou adolescentes).

O ciclo vital é uma das dimensões da família enquanto organismo vivo, pois transforma-se no tempo e no espaço, passa por mudanças e etapas significativas. Este processo de crescimento é acompanhado pela tentativa de preservar a sua própria identidade, a homeostase enquanto passa por várias mudanças (Minuchin, 1982). Estas duas forças, a homeostase e a mudança, são o motor deste processo de crescimento que faz com que a família seja um todo, para construir a sua história e continuar no seu crescimento evolutivo. A nível da organização familiar, a sua estrutura, Cardinali (1993) refere que dentro desta realidade em que existe um ciclo vital e dinâmico, cada membro é definido por uma função específica, o lugar que cada um ocupa com as suas funções.

Para compreender melhor a família é importante perceber o conceito de geração; os diferentes membros da família pertencem a diferentes gerações, a geração dos pais e a geração dos filhos. Cardinali (1993) separa as gerações em duas partes, a geração parental que surge como um casal, se une como um casal, e têm uma função clara, a de ser um cônjuge; o homem é o marido da sua mulher e a mulher é a esposa do seu marido e nesta fase o casal precisa viver o seu próprio espaço, posteriormente transforma-se para viver como casal mas também como pais. A família é um sistema auto-poiético, ou seja, que é capaz de gerar-se e modificar-se incorporando não apenas

alterações do ciclo vital de seus membros, que incluem movimentos de entradas e saídas como nascimento dos filhos, casamento dos mesmos e saída da casa paterna, como também é capaz de interagir com as mudanças que o contexto mais amplo lhe imprime. Este peculiar sistema compreende um desenvolvimento que não inicia com um relacionamento a dois, formando uma família, através de um casamento ou união findando na morte deste cônjuge, mas sim um desenvolvimento contínuo. McGdolrick e Carter (2001) desta forma, evidenciam também a importância da família alargada por também esta exercer uma influência, que não está puramente confinada à unidade familiar doméstica/nuclear e por isso mesmo, consideramos fundamental que a nossa investigação não se confine apenas a última geração, ou seja, aos futuros pais, mas sim a consideração da família como um todo, incluindo pelo menos as três últimas gerações.

Como pudemos ver anteriormente, ao longo do tempo o conceito de família e de parentalidade sofreram muitas alterações, nomeadamente, o papel dos filhos que inicialmente poderia não ser tão diferenciado em relação à sua família de origem (por exemplo, os parceiros eram escolhidos pelos pais), atualmente verificamos a esse nível, a oportunidade de escolha por parte dos indivíduos, podendo ter alguma influência dos pais mas não da forma determinante como aconteceu no passado. O próprio papel dos pais foi evoluindo ao longo do tempo; se antigamente verificávamos que o pai surgia como principal pilar das famílias, atualmente, todos os membros exigem igual atenção e cuidado; a mulher desempenha um papel mais simétrico, nivelado ao papel do homem, como prestadora de cuidados mas também de provedora de sustento económico (Roudinesco, 2003).

Com as mudanças demográficas e económicas, nomeadamente, uma maior esperança de vida, menor mortalidade infantil, uma maior taxa de educação, integração da mulher no mundo do trabalho, surgiram outros papéis para a mulher além do matrimónio e da maternidade. Os tempos modernos provocaram uma diversidade de famílias e uma maior dificuldade em definir fronteiras graças às constantes mudanças, nomeadamente a diminuição da taxa de casamento, diminuição da natalidade, aumento de casais em regime de coabitação, maior número de filhos fora do casamento, cada vez mais há mais famílias monoparentais e famílias reconstituídas. O casamento aparece-nos aqui como uma autorrealização emocional e que pode variar entre o “morar juntos” e a própria satisfação de necessidades afetivas e a família como uma ligação de laços afetivos. A família de origem perde papel de destaque (apenas menos visíveis o que não significa que não estejam presentes). Segundo Raguso (2009) parece que as gerações

mais velhas não querem ceder o seu lugar de domínio e de liderança; não conseguem dar um passo atrás para permitir que os mais novos cresçam e assumem responsabilidades. Para a mesma autora, na origem de várias dificuldades e disfunções familiares, há sempre um bloqueio no processo de diferenciação dos seus membros:

“Nessa línea, podemos reconhecer como central, neste tempo da vida da família e dos seus componentes, o processo de diferenciação recíproca das gerações. Diferenciar-se quer dizer individuar-se, tornar-se um Eu responsivo nos pensamentos, nas emoções e nas ações. (Scabini, & Cigoli, 2000) A diferenciação dos filhos respeito à geração dos pais implica transformar esta relação na direção de uma maior reciprocidade e sobretudo, na capacidade, por parte dos filhos, de realizar escolhas pessoais, que impliquem um compromisso duradouro e pessoal. Esta transformação não é sem dúvida automática; do ponto de vista emocional é central a capacidade de reconhecer e de saber aceitar a dor da separação. Uma separação que, porém, não é absoluta e definitiva, mas que preludie à consolidação de uma nova identidade, seja para os filhos, seja para os pais, e a uma nova e mais profunda relação “entre adultos”.”

(Raguso, 2009, p. 3)

No contexto histórico social e cultural português, desde os anos 60 que há mudanças a nível do casamento, pela diminuição do número de filhos por casal, aumento de divórcios, emancipação da mulher e outros fatores anteriormente mencionados. Existe também uma diversidade emergente de valores marcados pela geração e pela ruralidade, novas formas de famílias, vivências diversas do divórcio, e percursos de família desde essa altura, desde operárias, camponesas, pluriactivas, emigrantes, empresariais. Atualmente predomina a família nuclear, de casal com filho e não o modelo com a família alargada (Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005). Existe uma certa fragilidade nas novas relações, as expectativas podem ser descriminadas e há um predomínio da autorrealização sobre aspetos íntimos/éticos de compromisso. Nas relações da nossa contemporaneidade há um sentimento de precariedade, da possibilidade de escolha de outro parceiro e por consequência o receio de compromisso (Wagner, Predebon, Mosmann & Verza, 2005).

1.2 A construção do projeto parental

Embora haja diferenças nas variadas formas familiares, segundo Cigoli e Scabini (2006), existe um princípio organizacional comum que define a identidade da família. É este organizador peculiar relacional que produz generatividade, ligando e mantendo a diferença, entre gêneros e gerações, desde o ramo paterno e materno. Segundo estes autores, a generatividade familiar não é apenas a simples reprodução biológica mas sim, a capacidade dos seus membros articularem de forma produtiva as relações entre gênero, diferentes gerações e uma história familiar, nutrindo a linha simbólica, característica específica da espécie humana (Cigoli & Scabini, 2006).

Neste sentido, para Zornig (2010), a relação de consanguinidade ou de aliança não é suficiente para assegurar o exercício da parentalidade e a modernidade produziu uma rutura entre conjugalidade e parentalidade. A parentalidade deixou de ser o principal objetivo da estrutura familiar. Afinal, o que sustenta então o desejo de um casal no processo de transição à parentalidade? Se a atualidade se define principalmente pela derrocada de referenciais simbólicas estáveis.

O termo “parentalidade” é relativamente recente, foi introduzido o seu uso nos anos 60 pela literatura francesa, que marca a dimensão do processo e de construção no exercício da relação dos pais com os filhos (Zornig, 2010). Segundo a mesma autora, o termo parentalidade, resulta dos processos psíquicos e mudanças subjetivas produzidas nos pais a partir do desejo de ter um filho.

O principal objetivo que caracteriza a segunda fase do ciclo vital da família pode ser sintetizado na passagem da díade conjugal para a tríade familiar. O nascimento do primeiro filho representa um evento crítico para o casal, que implica a redefinição da sua identidade de forma a integrar na componente conjugal o filho, de forma a acolher e a cuidar do seu filho de forma responsável. A reestruturação identitária que mencionámos anteriormente poderá ser explicada através da conjugação de alguns fenómenos que acontecem nesta fase de transformação (McGoldrick & Carter, 2001), tal como veremos de seguida.

Segundo Houzel (2004) o projeto parental é construído sobretudo através de três eixos: em primeiro lugar, temos a parentalidade como função que define e organiza laços de parentesco e a transmissão de regras e valores de um determinado grupo social; em segundo lugar, temos a experiência da parentalidade que compreende as modificações psíquicas que se produzem nos pais no decorrer do processo de transição

para a parentalidade; em terceiro lugar, aparece-nos a prática da parentalidade englobando todo o campo dos cuidados parentais, isto é, interações afetivas e fantasmáticas entre pais e filhos. A articulação entre estes três eixos define o processo de constituição de um lugar parental.

Stern (1977) também ressalta a dimensão simbólica do acesso à parentalidade, sugerindo que a gravidez e o nascimento de um filho transformam o psiquismo de cada um dos pais, produzindo mudanças profundas. Estas mudanças ocorrem não só pelas projeções e representações parentais sobre o bebé, mas também pela mudança que a presença real do bebé provoca na interação entre ele e os pais. Outros autores tal como Gutton (2006) ressaltam o facto de a parentalidade ser vivenciada a dois níveis, a um primeiro nível, consciente, através da gravidez e posterior nascimento da criança e de todo o desenvolvimento desta; e um segundo nível, inconsciente, que conta com várias mudanças psíquicas dos pais. Moro (2002) refere mesmo que:

“Esta transparência psíquica é menos reconhecida para os pais, que no entanto atravessam também múltiplas turbulências ligadas às revivescências de seus próprios conflitos, ao questionamento sobre sua própria posição de filhos, e à passagem de ser filho a ser pai. Eles os revivem e os expressam mais diretamente que de hábito. O período perinatal autoriza uma regressão e uma expressão que lhe são próprias. O exílio só faz potencializar essa transparência psíquica que se expressa nos dois pais, mesmo se de modo diferente no nível psíquico e no nível cultural. No nível psíquico, pela revivescência dos conflitos e pela expressão das emoções. No nível cultural, pelo mesmo processo, mas aplicado às representações culturais, às maneiras de fazer e de dizer, próprias a cada cultura. Todos esses elementos culturais que pensávamos pertencerem à geração precedente se reativam, tornamo-los de repente importantes e preciosos; eles tornam-se novamente vivos para nós. “

(Moro, 2002, p. 261)

A gravidez e a perspectiva de nascimento do filho produzem uma mudança no psiquismo parental, ajudando na retificação da sua história infantil (Brazelton, 2003). Esta retificação consiste no reviver da própria história e no tipo de cuidado parental recebido. Por outras palavras, a pré-história da criança inicia-se na história de cada um dos pais. Neste sentido, o desejo de ter um filho reatualiza as fantasias da própria infância e do tipo de cuidado parental que receberam. Muito antes de a gravidez

acontecer, as nossas identificações com a família de origem, fantasias e expectativas relativamente a este papel, parecem ser a origem ou base da construção deste projeto. De facto, há várias etapas e experiências na idade adulta entre as quais, num primeiro momento a etapa vocacional, num segundo momento, o confronto com a própria capacidade de reprodução. Isto insere-se em qualquer estatuto de vida, mesmo que não se queira ter filhos, também surge este confronto (Brazelton, 2003). Stern (1977) refere mesmo que as representações parentais sobre o bebé iniciam-se até nas brincadeiras com bonecos e fantasias de adolescência. Concludentemente, não poderíamos restringir a parentalidade à gravidez/nascimento de um filho. As identificações feitas na infância influenciam e determinam a forma como cada um de nós idealiza e projeta a parentalidade.

Esta dimensão simbólica de transformação dos membros do casal é igualmente explorada por Zornig (2010) que afirma que a criança nasce num enredo de histórias e relações. Para esta autora o processo parental é um longo percurso que se inicia muito antes do nascimento de um filho, inicia-se na infância de cada um dos pais. Quando afirmarmos que o processo de filiação se inicia antes do nascimento do bebé, significa que se inicia a partir da transmissão consciente e inconsciente da história infantil dos pais, dos seus conflitos inconscientes, da relação com os seus próprios pais, por outras palavras, tudo isto influencia a própria representação de parentalidade.

Para alguns autores, o bebé reatualiza as relações que os dois tiveram com os próprios pais, ativando sentimentos primários alusivos a aspetos, desejos, do próprio ser infantil. Através do filho, os pais revivem a própria infância, procurando recuperar o que não receberam, obtiveram dos seus próprios pais (Stern, 1977; Brazelton, 2003; Zornig, 2010; Suassuna, 2011).

Esta reatualização de conflitos arcaicos requer ao cônjuge a reelaboração do processo de identificação com os próprios pais, no modo a alcançar um nova identificação: da mulher com a sua própria mãe e o homem com o seu próprio pai. Se na fase da formação de casal, em relação à escolha de parceiro, cada um dos cônjuges é chamado a reviver a própria representação interna do progenitor do outro género, neste caso, é a relação com o próprio progenitor interno do mesmo género, que toma uma posição central, que leva a considerar a possibilidade de repetir ou de negar o modelo proposto de progenitor. Neste sentido, esta situação permite aos dois conjugues, de afinar ulteriormente o processo de individuação em relação aos progenitores, graças à

procura dum modo próprio de ser progenitor (Stern, 1977; Brazelton, 2003; Zornig, 2010; Suassuna, 2011)

Zornig (2010) constatou que ao mesmo tempo que a espera pelo nascimento e o real nascimento de um filho trazem consigo expectativas de que o bebê possa reparar falhas na história parental, pode influenciar também negativamente o casal, no seu equilíbrio, fazendo com que os fantasmas edípicos sejam ativados.

Esta ligação à história infantil de cada um aporta mais do que a confrontação com o seu próprio mundo interno, pois é neste período que a relação que a grávida e o futuro pai tiveram com os seus próprios pais é novamente um fator importante. Neste contexto Stern (1977), nas suas pesquisas sobre a vinculação, revela que as representações da mãe sobre a sua própria mãe são um importante fator de predição do padrão de vinculação que a mãe estabelecerá com o seu próprio filho. Segundo o autor, o aspeto mais preditivo do futuro comportamento materno, não é apenas o que ocorreu no passado mas sim a forma como a história é organizada numa narrativa: a narrativa da história passada pode ser tão reveladora como a própria história passada em si. Por outras palavras, tornar-se pai e mãe, inicia-se numa conceção mental, pelo que a criança nasce primeiramente na cabeça dos pais ao “brincarem de ser pais” e posteriormente na ideia dos pais (casal) procriarem. Este desejo de parentalidade desenvolve-se no homem e na mulher, desde a infância, a partir de movimentos de identificação às figuras parentais, assumindo uma dimensão progressiva mais consciente sempre que um casal tem um projeto de vida em comum (Shapiro, Arnell & Raymond 1997; Albornoz, 2006)

Ribeiro (2007) defende a mesma posição, constatando que o desejo de sermos pais como os nossos pais emerge da nossa “trama identificatória” ou a chamada “dupla identificação” (Brazelton & Cramer, 1992). Segundo a mesma autora, a constituição do desejo de parentalidade faz parte da cadeia simbólica constitutiva da própria identidade do sujeito. Para a mesma, nascemos emaranhados numa teia de desejos maternos e paternos (conscientes e inconscientes) carregando as marcas de estarmos vinculados a uma trama simbólica que transcende a biologia, mas que através desta, revela o nosso sentimento de pertença a uma família, a uma geração, a um lugar no mundo.

Bydlowski (2002) sugere que o desejo de ter um filho pode ter dois significados para uma futura mãe, um consciente, de ser mãe, ligado à perpetuação da espécie, e outro inconsciente, que tem a ver com a elaboração da feminilidade, com as representações da maternidade, com o lugar designado ao filho no inconsciente da mulher. A mesma autora refere que durante o período da gravidez estabelece-se um

estado – a transparência psíquica, que se refere a um momento em que fragmentos do pré-consciente e inconsciente chegam mais facilmente à consciência. Este estado estabelece-se porque na gravidez o equilíbrio psíquico é abalado pelo duplo *status* do bebé: está presente no interior do corpo da mãe e nas suas representações mentais, mas está ausente da realidade visível.

Em suma, a construção do projeto parental, abarca variadas dimensões intimamente ligadas à história de vida de cada membro do casal: desde as principais relações passadas, como as experiências de cada um e a forma como elaboraram essas mesmas histórias. Podemos dizer que a passagem da díade conjugal para a tríade familiar, requer uma redefinição da identidade conjugal e pessoal, e que são vivenciadas mudanças psíquicas a nível individual porque constitui-se aqui uma nova dimensão da identidade pessoal: tornar-se pai e tornar-se mãe redefine-nos enquanto pessoas e é constituído um lugar parental. Como podemos ver, a dimensão simbólica de acesso à parentalidade é constituída através das mudanças no psiquismo de cada um dos pais, a retificação da própria história infantil e até mesmo a relação de infância vivida com os próprios pais, pode nos dizer como será a relação que os futuros pais vão vivenciar com os seus filhos. De facto, a criança nasce já num enredo de relações e histórias e torna-se fundamental compreender todo este processo. O período da gravidez parece-nos o período fundamental em que todas estas mudanças poderão estar mais evidenciadas, tal como iremos explicar e analisar de seguida.

1.2.1 Transição para a parentalidade e as suas principais transformações

Ohman, Gruneland e Waldenstrom (2003) apontam que a gravidez consiste num período de grandes mudanças biológicas, psicológicas e sociais. Para estes autores a gravidez é uma passagem de estágio desenvolvimental com implicações na autoimagem, valores, comportamentos, relacionamentos, entre outros. Para Conde e Figueiredo (2007), a gravidez é um momento de transição que exige uma adaptação árdua e onde importa cumprir um conjunto de tarefas desenvolvimentais. Os futuros pais devem ajustar-se a uma variedade de transformações no corpo e situações ocorridas ao longo do período de gestação/parto e expectativas relativas aos novos papéis que se geram com a gravidez e em torno do bebé. Segundo Piccinini, Gomes, Nardi e Lopes (2008), na gravidez ocorrem mudanças biológicas, psicológicas e sociais que influenciam a dinâmica psíquica individual. Este processo de adaptação, de reequilíbrio familiar, pode implicar um período de tempo mais ou menos prolongado. Daqui pode

resultar um desequilíbrio, mas também um desenvolvimento e aquisição de competências psicológicas e sociais (Araújo & Canavarro, 2001; Monteiro, 2005).

Tal como já foi sendo referido anteriormente, os cônjuges, que se tornam pais, são chamados a dar origem e a desenvolver um pacto parental (Scabini & Iafrate, 2003; Gambini, 2007; Zornig, 2010), onde é esperado que se conecte e se distinga do pacto conjugal. Para Scabini e Iafrate (2003), o objetivo principal desta transição, consiste no desenvolvimento, por parte do casal, da generatividade, nomeadamente na capacidade de cuidar de forma responsável o que foi gerado. Este cuidado responsável é para as autoras, o coração ou o centro da função parental. Um ponto importante acerca do cuidado responsável é que esta relação entre pais e filhos não é de igual para igual, mas sim, hierárquica. As autoras relembram o pacto de confiança que emerge na relação de casal, elemento central e inicial na relação conjugal. Este pacto de confiança inclui dois distintos pólos mas que se complementam entre si, o pólo ético e o pólo afetivo; resumidamente, o primeiro diz respeito ao processo de legitimação e o segundo relativamente à diferenciação. O cuidado responsável é uma tarefa comum a ambos os pais, mas podemos vincular simbolicamente o pólo afetivo à função materna e o pólo ético à função paterna.

Para as mesmas autoras, a função materna expressa-se na prestação de cuidados, proteção, afeto e contenção. É um reservatório psíquico de confiança e esperança. Já a função paterna, é por sua vez, ligado ao pólo ético, diz respeito à justiça e equidade nas relações. A função paterna refere-se, etimológica e simbolicamente, a uma herança e transmissão da moral, expressa em valores, em padrões educacionais da vida familiar, no sentimento de pertença, entre outros. As funções materna e paterna não são divididas por assim dizer entre mãe e pai, e especialmente na nossa contemporaneidade são partilhados entre o casal parental.

Scabini e Iafrate (2003) e Scabini e Cigoli (2006) apontam que conforme a criança vai crescendo, torna-se crucial a tarefa parental de fornecer segurança ao filho; é esperado que esta segurança seja dada fornecendo-lhe normas e valores que podem orientar o seu desenvolvimento e emancipação, como que uma “bússola” para explorar o mundo.

O nascimento de um filho traz consigo uma importante mudança para o casal, introduzindo para sempre um papel, um legado, o parental (Gambini, 2007) e com este novo papel, espera-se a resolução de algumas tarefas desenvolvimentais.

Segundo Cigoli e Scabini (2006), o casal negocia esta transição com sucesso quando é capaz de lidar com as novas tarefas que enfrenta em três frentes: na relação conjugal, na relação parental e na relação filial. Segundo os mesmos autores, bem como cônjuge de alguém, um jovem pai é filho de outra pessoa e a experiência de gerar um novo ser humano afeta todas estas relações e até mesmo a relação com a própria comunidade onde o filho vai crescer é afetada pois se torna numa nova relação.

Seguindo a linha do modelo relacional simbólico, para percebermos aprofundadamente as tarefas desenvolvimentais do casal parental, torna-se importante olhar perante as esferas afetivas e éticas (Cigoli & Scabini, 2006). Scabini e Iafrate apresentam o pólo afetivo, importante no processo de diferenciação e o pólo ético, importante no processo de legitimação.

Tornar-se pais modifica profundamente o laço conjugal e o nascimento de um filho constitui um desafio para o casal; as mesmas autoras referem que o nascimento do filho pode ativar recursos pessoais e relacionais e consolidar a identidade do casal. Contudo, pode ter o efeito contrário e não permitir o crescimento do casal e em alguns casos quebrar o laço conjugal (Scabini & Iafrate, 2003). Cigoli e Scabini (2006) apontam para um período de crise que poderá ser interpretado como necessário ao casal, pois poderá emergir como uma fase de desenvolvimento permitindo ao casal encontrar um novo equilíbrio relacional.

Enquanto casal, afetivamente, espera-se que os cônjuges integrem a dimensão parental e a dimensão conjugal, de modo a construir uma nova identidade de casal, negociando os papéis. Deverá também redefinir os objetivos do casal conforme o crescimento do bebé. A nível ético, o casal precisa de se confrontar com o “salto” que dá na posição geracional, passando de filhos a pais também, ligado à nova responsabilidade parental. Torna-se ainda importante para o casal, reconhecer o cônjuge como pai ou mãe, apoiando-o e legitimando-o enquanto pai ou mãe (Scabini & Iafrate, 2003; Scabini & Cigoli, 2006).

Enquanto pais, segundo os mesmos autores, é importante criar e desenvolver o relacionamento com a criança, dando espaço e confiança para a nova geração. Iniciar um processo de diferenciação que conduza e reconheça o filho como alteridade. Relativamente a este aspeto, outros autores apontam estas tarefas como essenciais, se não vejamos, Bradt (1995) aponta que o casal ao aceitar os novos membros no sistema, ajusta o mesmo para criar espaço para o filho e para o papel de pais.

A gravidez introduz no casal a presença de um terceiro que induz modificações no espaço do casal e novos equilíbrios afetivos entre os membros do casal que incluam também o bebê. Os cônjuges devem dar lugar ao bebê no sistema familiar, preparando-lhe um espaço físico e emotivo: este processo implica uma profunda redefinição da relação conjugal. Tornar-se pais, comporta a elaboração no interno da relação de casal, de uma série de mudanças, perdas, reestruturações, seja da realidade externa, seja do próprio mundo interno (Guidi, 1992). É neste momento que enquanto pais, devem construir um estilo definido de parentalidade. Segundo Cigoli e Scabini (2006), a característica que poderá afetar mais o casal na transição para a parentalidade é a redefinição dos papéis, que aquando da chegada da criança, o *set-up* existente é posto em causa.

Éticamente falando, enquanto pais, o casal deve legitimar o sentimento de pertença a família, com a atribuição de um nome e sobrenome ao recém-nascido, permitindo o acesso às suas raízes familiares e participação nos valores transmitidos pela família (Iafrate & Scabini, 2003; Scabini & Cigoli, 2006)

Por último, enquanto filhos, estes mesmos autores referem que é esperado, a um nível afetivo, que partilhem a experiência de ser pais com os próprios pais e que continuem a história familiar de uma forma inovadora, agindo como um casal parental distinto da família de origem. Esta transição de casal para família, conduz a algumas tarefas desenvolvimentais relacionadas com o casal, nomeadamente a redefinição de limites para com a família de origem e para com a comunidade de pertença, sendo que vai adquirindo a sua própria identidade através da continuação inovadora da história familiar (Gambini, 2007; Iafrate & Scabini, 2003; Scabini & Cigoli, 2006). Éticamente falando, é esperada a legitimação do papel de avós e o apoio na continuação da história familiar e da inserção do novo protagonista da história. Introduz também um novo anel na cadeia das gerações e implicando uma reelaboração da relação entre gerações, os pais de cada respetiva família de origem são convidados a assumir um novo papel nas suas vidas, os de avós.

Por último, Iafrate e Scabini (2003) apontam para as tarefas como membros da comunidade social, afirmando que o casal deverá gerir a combinação entre o espaço para a família e o espaço social, em particular, no mundo de trabalho e que reconheçam o valor da geratividade como uma forma de pertença social.

1.2.2 A construção da aliança parental durante a gravidez

O conceito aliança parental é um conceito que surgiu por Weissman e Cohen (1985). Para estes autores, a aliança parental estabelece-se através do investimento do pai e mãe na criança, da valorização do papel do outro pai/mãe e por último, através da comunicação entre os cônjuges. De facto, alguns estudos apontam para que a aliança parental influencia a conjugalidade mas esta última não é condição necessária para haver aliança parental, por isso, um casal em processo de divórcio pode também exercer uma boa aliança parental. Segundo Torres (2002) a vertente afetiva também está presente nestas dimensões e para a autora inclui e transcende o sentimento amoroso e a sexualidade, pois a parentalidade e o bem-estar afetivo das crianças assumem um papel importantíssimo na conjugalidade. Uma questão que nos surge é se esta aliança parental vai sendo construída durante a gravidez ou apenas depois do nascimento do filho.

A base dessa aliança parental poderá ser o envolvimento/investimento dos pais no filho. Quando pensamos sobre o envolvimento parental durante a gravidez, podemos cair na tentação de dizer que o envolvimento é apenas a nível materno. Apesar de encontrarmos diferenças a nível subjetivo de como cada membro do casal vivencia este período, tanto o pai como a mãe têm várias dimensões que facilitam este envolvimento.

Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004) referem que a mulher sente o filho de forma diferente do homem, pois o filho cresce dentro de si, dá à luz, amamenta-o. Referem que a formação do vínculo entre pai e filho é mais lenta, e normalmente, acontece mais depois do nascimento. No entanto, durante a gravidez, o envolvimento paterno deve ser compreendido de forma peculiar porque o vínculo entre pai e filho é indireto, mediado pela mãe. Parke (1996) aborda o envolvimento paternal ressaltando que os casais, e não apenas as mulheres, engravidam e as mudanças que ocorrem com futuros pais durante a gravidez não são independentes das que as mulheres experimentam. Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2004) referem que o envolvimento paterno pode ser compreendido através da sua participação em atividades relativas às grávidas, preparativos da chegada do bebé, apoio emocional proporcionado à mãe, a procura de contato com o bebé e ansiedades e preocupações relativas à gravidez e futuro. Raphael-Leff (1997) sugere que uma estratégia para facilitar o relacionamento entre pai e filho, durante o período pré-natal, seria através do contato tátil com a barriga da mãe, ou seja, promovendo o contato com o experienciar a resposta dos movimentos fetais, sentindo-o, podendo, desta forma construir uma imagem mental deste.

Colman e Colman (1971) estudaram a gravidez como um estágio no ciclo de vida. Reuniram semanalmente com um grupo de mulheres e seus companheiros em início de gravidez, que participavam numa discussão de grupo, numa clínica pré-natal. Segundo os autores os principais temas que estas partilhavam eram sobre as suas experiências, sentimentos e pensamentos; sobre as transformações e mudanças que ocorriam no seu corpo, acerca de toda uma série de sentimentos sexuais novos, sobre os maridos/companheiros e sobre os sentimentos para com as outras pessoas que as rodeavam. Os maridos que frequentavam as reuniões referiam muitas vezes que sentiam alguns dos sentimentos que as mulheres comentavam nas reuniões. Com os pais, Colman e Colman (1971) aperceberam-se até que ponto um futuro pai pode ficar “grávido”. Semana após semana apercebiam-se das mudanças de atitudes e interesse, à medida que o seu filho crescia no útero materno. O grupo continuou depois do parto e o debate passou de temas internos e experiências subjetivas para temas mais orientados para o exterior, nomeadamente a educação dos filhos. Os mesmos autores concluíram assim que no período da gravidez, homens e mulheres estão mais voltados para si mesmos, dando maior possibilidade para a compreensão das representações internas sobre o que é ser pai e mãe, sobre os seus sonhos e fantasias, experiências vivenciadas até então, expectativas futuras, entre outros.

Num estudo exploratório de Piccinini, Silva, Gonçalves, Lopes e Tudge (2005) sobre o envolvimento paternal durante o período de gestação, foram realizadas entrevistas individuais a 35 pais que esperavam o seu primeiro filho, com idades compreendidas entre os 21 e os 40 anos. Os resultados demonstram que durante o período da gravidez, a maioria dos pais esteve envolvido neste processo; os autores apontam mesmo para uma conexão emocional entre o futuro pai e a gestante e futuro pai e o bebé, salientando as verbalizações que referiam o apoio emocional e material à gestante, com acompanhamentos às consultas pré-natais e ecografias, demonstrando-se mais disponíveis, pacientes e compreensivos nesta fase. Corroboram deste modo os dados apontados por Pleck (1997), que refere que os homens tendem a reagir positivamente ao aumento das necessidades emocionais das suas esposas durante o período da gravidez.

Um outro autor, apontado por Piccinini *et. al* (2005), Krob (1999) afirmou que a maioria dos participantes do seu estudo demonstrou sensibilidade para perceber as mudanças emocionais das esposas durante a gravidez, tentando adequar os comportamentos que tinham. Segundo a mesma autora (Krob, 1999), os pais mais

conectados emocionalmente à gestação estariam mais predispostos a reagir adequadamente às necessidades de apoio e compreensão das esposas. No estudo de Piccinini *et. al* (2005), alguns pais ainda encontravam dificuldades quanto ao envolvimento com seu filho, parecendo não percebê-lo como real e apresentando uma baixa ligação emocional com a gestação.

Para Wall, Alboim e Marinho (2010), os homens têm um lugar na família, tendo a sua própria identidade de pais e esposos, sendo que alguns se identificam mais com essa identidade própria de provedor e companheiro e outros distanciam-se desses mesmos papéis. Para as autoras, os homens que partilham as atividades de cuidadores com a sua mulher, consideram-se parceiros de um projeto parental conjunto, em que prover, cuidar e educar os filhos fazem parte das atividades partilhadas e negociadas pelo casal ao longo do seu percurso de vida. Segundo as autoras, estes pais estão profundamente implicados no cuidar dos filhos, são pais fortemente envolvidos, afetuosos, disponíveis, ativos, cuidadores e atentos. Para estes pais, a vida familiar e a conjugalidade estão intimamente ligadas, tanto na identidade como na sua vida quotidiana. É através da identificação com a gravidez da mulher que o homem partilha com a mulher “sintomas” e esta, em retribuição, inclui o pai nas suas representações do bebé, criando um espaço para cuidados paternos (Stern, 1977; Zornig, 2010).

A espera pelo filho pode ser acompanhada de momentos críticos e conflituosos do casal que obrigam os cônjuges a reestruturar a própria relação. É também nesta fase em que o casal prepara um espaço para o bebé, não pode esquecer de preparar e curar também o seu próprio espaço, o conjugal. Tudo isto serve também para assumir e manter o papel parental, enquanto as duas dimensões se sustentam uma à outra (conjugal e parental). Sendo assim, a aliança parental além de exigir cuidados a nível parental, exige também a preparação do casal para reestruturar a sua relação e dar espaço para receber o seu filho e fundamentalmente para em conjunto “cuidarem” do filho quer a nível material como emocional. Enquanto casal, afetivamente, espera-se que os cônjuges integrem a dimensão parental e a dimensão conjugal, de modo a construir uma nova identidade de casal, negociando os papéis (Scabini & Iafrate, 2003; Scabini & Cigoli, 2006) e aqui poderá emergir a aliança parental.

Em suma, a aliança parental consiste num projeto parental conjunto. O período da gravidez é de facto, uma fase de preparação para os novos papéis a assumir enquanto pais. A possibilidade de uma relação direta entre mãe e bebé poderá tornar difícil para o pai inserir-se nessa relação e até mesmo vivenciar um sentimento de exclusão da “esfera

de unidade” mãe-bebé, por isso ressaltamos novamente a importância do papel do pai. De facto, a construção de uma aliança parental, é um processo difícil e muito complexo e vai-se construindo ao longo dos meses de gestação, daí a importância de que o nosso estudo se realize durante o período da gravidez. A reestruturação da relação conjugal. O compromisso perante a criança que está a chegar e o investimento na relação com ela poderá ser preditor de um adequado relacionamento familiar e naturalmente, um adequado desenvolvimento da criança.

1.2.3 Expetativas e representações mentais durante a gravidez

No período da gravidez, o bebé tem um papel fundamental na construção do projeto parental e do próprio envolvimento parental, sendo que algumas expetativas e representações podem influenciar significativamente todo este processo. A relação do pai e da mãe com o seu filho começa desde do período pré-natal, e se inicia a partir das expetativas que eles têm sobre o bebé e da interação que estabelecem com ele (Brazelton & Cramer, 1992; Piccinini, Gomes, Moreira & Lopes, 2004). Estas expetativas e representações constroem-se durante a gravidez e tem a sua origem em conteúdos inconscientes, representados pelas fantasias e desejos, como também em dados concretos já passíveis de serem conhecidos durante a gravidez, como os movimentos fetais (Raphael-Leff, 1997). Para Condon (1993) as experiências subjetivas e internas dos pais são particularmente necessárias no contexto pré-natal, pois os comportamentos em relação ao feto são limitados; o mesmo autor refere ainda que ao longo da gravidez os pais elaboram uma representação interna do feto, referindo mesmo que *“Esta (imagem) compreende uma curiosa mistura de fantasia e de realidade, sendo o feto um recipiente por excelência da projeção. É relativamente a esta imagem interna que o vínculo emocional se desenvolve”* (p. 168). Para o mesmo autor, entre os indicadores da presença e intensidade da vinculação progenitor-bebé inclui-se o desejo de ter conhecimento sobre o feto, o prazer na interação com o feto e o desejo de proteger o feto e ir ao encontro das suas necessidades.

Como referimos anteriormente, a relação entre pais e bebé é estabelecida durante o período gestacional, por meio da construção de uma imagem mental da criança (o bebé imaginário) e da própria relação entre ambos. É graças a esta pré-história que há uma construção da relação entre pais e bebés e que irá ter importantes consequências na relação após o nascimento (Brazelton & Cramer, 1992). Stern (1997) fala de uma constelação materna, referindo que progressivamente durante a gravidez, a mãe elabora

uma representação do bebê (bebê imaginário) que facilita o envolvimento afetivo e a interação adequada com a criança a seguir ao parto.

Segundo Hernandez e Huntz (2008), o primeiro trimestre da gravidez é um período de fusão na qual a mãe percebe o feto como parte integrante (fisicamente integrada) em si mesma. No período seguinte, caracterizado pela diferenciação, o feto cresce como indivíduo separado; na última fase, os últimos dois meses de gravidez geralmente, são caracterizados pela separação psicológica e crescimento da curiosidade das futuras mães e pais acerca do encontro com o bebê.

Golse (2002) apresenta-nos quatro tipos de representações parentais sobre o bebê. O primeiro tipo, ostentado por este autor, é a criança fantasmática, que está relacionado com a criança que os pais separadamente têm a partir da sua própria história. O segundo tipo, é a criança imaginária, representado por traços imaginários do rosto, sexo, entre outros. O terceiro tipo, é a criança narcísica (Ammaniti, 2004), que se refere à representação dos seus ideais de como o filho irá suceder-lhes. O quarto e último tipo, é a criança mística/cultural, que é um grupo de representações coletivas de uma determinada sociedade num determinado momento. Zornig (2010) refere mesmo que as representações influenciam como os diferentes tipos de interação que ocorrem entre o bebê e os seus cuidadores, podendo facilitar a criação de vínculos afetivos seguros ou dificultar este processo de aliança.

A par das representações mentais realizadas no período da gravidez, os futuros pais começam a fantasiar expectativas e receios perante o futuro da criança. Durante a gravidez, poderão então surgir expectativas e receios relativamente ao que irá acontecer futuramente, sendo que as preocupações são maioritariamente sobre o futuro do bebê, a antecipação do parto (nos últimos meses) mas também receios sobre o suporte familiar e comunitário. Ohman, Gruneland e Waldenstrom (2003) procuraram determinar quais as preocupações mais relevantes das mulheres durante a gravidez; para isto, foram entrevistadas (usando um instrumento criado pelos próprios autores) 200 mulheres suecas. Os resultados indicam que as principais preocupações são a saúde do bebê, o parto, a possibilidade de aborto e preocupações financeiras. Já Pacheco, Figueiredo, Costa e Pais (2005) realizaram um estudo com o intuito de compreender o modo como as mulheres antecipavam ao longo da gravidez diversos aspetos da experiência até ao parto. No segundo trimestre de gravidez, no geral, as grávidas planeiam e antecipam suporte por parte de pessoas significativas no momento do parto, têm uma visão

positiva das suas competências maternas e estão moderadamente preocupadas com a saúde e bem-estar do bebé.

A imagem mental que o casal constrói a respeito do bebé, durante a gravidez, tem a sua origem tanto em conteúdos inconscientes, representados pelas fantasias e desejos (Slade & Cohen, 1996; Shapiro, Arnell & Raymond 1997), como também em dados concretos já passíveis de serem conhecidos neste momento, como falamos anteriormente, os movimentos fetais (Raphael-Leff, 1997). Tudo isto pode começar antes do período da conceção e solidificar-se no período da gravidez. Pai e mãe começam a interagir com o bebé neste período e tudo isto influenciará a sua relação futura.

Estas breves elucidações sobre as vivências conscientes e inconscientes que a espera de um filho pode despoletar nos seus pais, podem fazer perceber que o nascimento do mesmo exige uma base segura, representada e reforçada pela fase do ciclo vital da família precedente, pela formação de um relacionamento de casal maduro e sólido. Uma situação particularmente de risco é aquela dos casais que se casam por estarem à espera de um filho, exatamente porque ultrapassam a fase de formação de casal, sem ter a oportunidade de passar do pacto secreto ao declarado. Segundo Cardinali e Guidi (1982) *“a aceitação ou a rejeição do bebé está estreitamente ligado ao grau de aceitação que cada um soube construir desde as partes infantis de si mesmo, e elementos imprevisíveis e inesperados, seus e do parceiro”* (p. 35). Apenas uma relação em que os parceiros atingiram uma suficiente diferenciação em relação ao outro e ao casal, permite ao filho ser acolhido como pessoa autónoma e dessa forma, ser reconhecido nos seus interesses e desejos, sem ser instrumentalizado para compensar as problemáticas do casal, tornando-se num prolongamento dos pais. São várias as situações em que o filho não pode gozar do seu próprio espaço como quando, embora inconscientemente é desejado pelos pais para satisfazer o próprio *self* ideal ou para salvar o matrimónio em crise ou para colmatar o vazio relacional entre os parceiros (Cardinali e Guidi, 1982; Ammaniti, 2004; Scabini & Iafrate, 2003; Scabini & Cigoli, 2006)

II- Parte empírica

Método

2.1 Desenho do estudo

Tendo em conta que se trata dum estudo exploratório com base numa investigação qualitativa, procuramos significados, os significados atribuídos pelo casal à construção do projeto em comum. Por isso, o paradigma que adotamos é o construtivismo, em que a realidade é construída socialmente, ou seja, a realidade não é independente do sujeito e este dá significado à realidade. A escolha deste paradigma deve-se a um facto incontornável na psicologia: cada pessoa vivência da sua forma e influencia a realidade tal como é influenciada por ela (Flick, 2005). A construção de um projeto em comum depende de cada pessoa e de cada casal que é formado. Parece-nos ser muito difícil generalizar este fenómeno, pois cada uma das famílias e cada um dos membros da família vivenciam este fenómeno de diferentes formas. O objetivo de uma investigação deste tipo é baseado na visão dos participantes, pois estes são “peritos experiências” porque vivenciaram a experiência em primeira pessoa (Fortain, 2009).

Pretendeu-se compreender o significado da experiência das pessoas relativamente ao fenómeno de construção de uma família, e temos consciência de que o significado dessa experiência difere de pessoa para pessoa. Centramo-nos então, numa abordagem fenomenológica, que procura os invariantes das pessoas, experiências comuns (Flick, 2005; Fortain, 2009).

2.2 Participantes

Utilizamos o processo de amostragem teórica onde as decisões sobre a escolha e o agrupamento de material empírico são tomadas durante o processo da recolha e interpretação de dados. De facto, o princípio fundamental deste processo é selecionar casos ou grupos de casos, com base em critérios concretos relacionados com o assunto, em vez de utilizar critérios metodológicos abstratos (Flick, 2005). Glaser e Strauss (1967, *cit. in* Flick, 2005) vão ainda mais longe quando dizem que neste processo o analista regista, codifica e analisa dados, decidindo quais vai registar a seguir e onde os irá encontrar a fim de elaborar a sua teoria à medida que esta vai emergindo. Por outras

palavras, a teoria emergente vai comandando o processo de recolha de dados. Aqui, a representatividade de uma amostra não é garantida nem pelo método aleatório nem pela estratificação, mas os indivíduos são selecionados de acordo com o seu nível esperado de gerarem novas ideias para a elaboração da teoria, ou seja, procura-se o material que promete as melhores perspetivas. Ou seja, a amostragem prossegue de acordo com a relevância dos casos e não pela sua representatividade, é o chamado critério de saturação teórica (Glaser & Strauss, 1967, *cit. in* Flick, 2005).

Relativamente a um outro fator importante, que surge como um critério de inclusão e paralelamente de exclusão, é que pretendemos estudar casais que estejam no período de gravidez, independentemente de ser o primeiro ou segundo ou terceiro filho, pois não temos teoria que apoie se o projeto parental é construído apenas no início, ou seja, com o primeiro filho ou se é algo contínuo, ou seja, sempre que um casal engravida, se desenvolve, por isso, pretendemos compreender se há ou não diferenças tendo em conta que se tem ou não filhos.

A nossa amostra é constituída por 9 casais: 3 têm já um primeiro filho, ou seja, são duas famílias reconstituídas e um casal tem já um primeiro filho em comum. Os restantes 6 casais estão a vivenciar a gravidez do primeiro filho.

Todos os casais são da região Norte, sendo que 3 destes casais são da cidade de Braga e 6 da cidade de Guimarães, não apresentando, por isso, diferenças quanto ao contexto cultural de inserção dos participantes.

Destes 9 casais, ou seja, 18 indivíduos, as idades das mulheres variam entre os 26 e os 40 anos, sendo que dos homens, variam entre os 25 e os 45 anos; a maioria dos casais se encontra entre os 25 e os 29 anos de idade. Relativamente às habilitações literárias, 1 participante tem o 6º Ano de escolaridade, 4 têm o 9º Ano, 7 participantes têm o 12º Ano e por último, 6 participantes são licenciados.

Relativamente à fase da gravidez em que se encontravam no momento da entrevista, todos os casais estavam entre os 3 e os 7 meses, sendo que 3 casais estavam nos 3- 4 meses e os restantes entre os 6 e 7 meses de gravidez.

A composição do agregado familiar destas famílias comporta apenas o casal e quando já têm um filho anterior à gravidez, apenas dois casais vivem com esse filho, sendo que um sendo fruto de outra relação vive noutra agregado familiar. Todos os casais reportaram que estavam a vivenciar um período de gravidez relativamente calmo, sem preocupações importantes a salientar. Todas as gravidezes eram sem risco clínico e todos tinham engravidado sem recurso a práticas de fertilização artificial.

2.3 Materiais

De seguida, serão apresentados os materiais utilizados para a recolha de dados, nomeadamente: o questionário sociodemográfico para a caracterização da amostra, a entrevista clínica geracional (Cigoli & Tamanza, 2009; Facchin, Molgora, Gonçalves, 2010) e o instrumento projetivo, “O desenho da gravidez”.

2.3.1 O Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico (Cf. anexo I-a)) foi construído para obter informações necessárias para a caracterização da amostra. O questionário sociodemográfico integra as seguintes dimensões: profissão, habilitações literárias, nacionalidade e cidade onde vive; a composição do agregado familiar e de outras pessoas significativas e uma última dimensão sobre a gravidez, se é a primeira gravidez ou não e como está a ser vivenciada a experiência da gravidez.

2.3.2 A Entrevista Clínica Geracional

A entrevista clínica geracional (Cigoli & Tamanza, 2009; Facchin, Molgora, Gonçalves, 2010) (cf. anexo I-b)) é um instrumento de avaliação e em simultâneo de investigação das relações familiares. É importante salientar que a entrevista ainda não foi publicada, sendo que a versão de investigação em português segue em anexo. O constructo base de onde derivou o instrumento, tem as suas raízes na literatura clínica e psicossocial sobre relações familiares, procura sintetizar a complexidade da vida familiar assim como a qualidade do intercâmbio desenvolvido entre gerações (Cigoli, Gozzoli, Marta & Tamanza, 2003; Cigoli & Tamanza, 2009).

Tendo isto em conta, a entrevista foi organizada tendo como base 3 dimensões fundamentais ou eixos: 1) a origem de cada um dos membros do casal; 2) a formação e desenvolvimento da relação de casal; 3) a passagem e transmissão à geração seguinte.

A primeira parte é então dirigida a cada membro do casal e diferenciada e, tal como irão compreender de seguida, os itens estão ligados mas relatados por cada parceiro e serão codificados separadamente mas, além da entrevista ser realizada na presença de ambos, cada parceiro será convidado a expressar a opinião sobre as escolhas e respostas do outro.

Através desta primeira parte da entrevista os entrevistados são convidados a partilhar acerca do conteúdo e qualidade das representações relativas às suas origens. Ao fazermos isso, ao ligarmos o entrevistado com o seu ambiente familiar de origem,

são destacados os rituais da família (presença, ou ausência, qualidade). Bateson (1972) refere mesmo que “origens” e “rituais” estão interligados. Isto significa que as práticas de vida familiar, e rituais em particular são indicativos do sentido na relação de troca. A exploração das origens é finalizada com a tarefa gráfico-simbólica: o desenho do “corpo da família”. O uso de instrumentos de linguagem simbólica pode ser eficaz a fim de fazer emergir a partir da experiência que representa a família, a dimensão ético-emocional. Tudo isto parece-nos fundamental para o que procuramos compreender no processo de construção da família: desde as trocas à explicação das origens, que como sabemos são a base do projeto parental. A segunda parte da entrevista, ou seja o segundo eixo, contém questões sobre o relacionamento do casal e tem como intuito que sejam ambos a responder e que estes decidam como responder a estas questões. Aqui, é pretendido compreender a dinâmica interativa e comunicativa do casal. As questões desta parte implicam uma forte referência ao nível interpessoal (a relação com o outro) e os processos de identificação projetiva. Podemos ainda explorar o “pacto secreto” do casal. O tempo presente é fundamental que seja explorado, para compreendermos o casal na íntegra. Um casal na fase de gravidez pode passar por várias mudanças, como já foi referido; por esta razão, compreender a dinâmica do casal e a própria relação parece-nos igualmente fundamental para este trabalho. A terceira parte da entrevista diz respeito à passagem de mudança de geração, ou seja, diz respeito à atual fase do casal (que está à espera de um filho, em que existem as diferentes tarefas de desenvolvimento e implicações a nível familiar tal como foi referenciado anteriormente). Mais uma vez, ambos decidem como responder às questões.

Tendo em conta as dimensões, consideramos importante utilizar os três eixos, ou seja, como pretendemos compreender a influência da família de origem (eixo 1) no processo de construção do projeto parental, utilizamos na íntegra o primeiro eixo. O segundo eixo tem em conta o relacionamento do casal, e como um dos nossos objetivos de investigação é perceber como o casal em si se está a adaptar a esta nova fase, considerámos importante utilizar também este eixo. Por último, mas não menos importante, o eixo 3 diz respeito à mudança de geração, e faz igualmente sentido especialmente na fase do ciclo vital na qual a hipótese de estudo se insere.

2.3.4 O Desenho da Gravidez

Os instrumentos projetivos tendem a prever comportamentos espontâneos e subjetivos, movidos por necessidades internas, por vezes passíveis de se manifestarem noutros contextos (Villemor-Amaral & Pasqualini-Casado, 2006). Pela sua natureza projetiva, e sendo a projeção um processo inconsciente, torna-se difícil que os resultados sejam manipulados pelos utentes, ou que seja usado qualquer filtro, visto que os métodos projetivos representam procedimentos de testagem disfarçados (Anastasi & Urbina, 1997).

As técnicas projetivas são ferramentas que têm como fundamento teórico a hipótese que por vezes, a resposta e avaliação, especialmente de crianças e adolescentes, é dificilmente realizada se partirmos do princípio que o “não dito” não é importante. O material destes instrumentos funciona como que uma tela em branco na qual o sujeito pode projetar as suas características psicológicas: necessidades, conflitos, atitudes, interesses, relações, entre outros (Alves, 1998). A ideia subjacente é então que a pessoa tem uma perceção construtiva, uma representação e interpretação da realidade e a sua própria experiência no mundo, que pode ser mais facilmente percecionada pelo psicólogo através destas técnicas (Aiello-Vaisberg, 1996; Alves, 1998).

O que as técnicas projetivas nos permitem atingir é a dimensão simbólica da experiência, e por isso, a diminuição das defesas e da racionalização, principalmente. Com a utilização de instrumentos projetivos, não nos interessa medir comportamentos, mas sim aceder aos significados que o sujeito atribui a determinada vivência/situação, permitir que o sujeito se expresse, e possa ele próprio compreender melhor a sua própria experiência, explorá-la e atribuir novos significados. As técnicas projetivas proporcionam um acesso ao mundo interno da pessoa, em que é possível uma narrativa interior, permitindo o acesso ao mundo de significados (Greco & Comelli, 2008). A sua dimensão simbólica mostra as representações que surgem através de uma ação gráfica abrindo um espaço de reflexão, permitindo traçar aspetos construtivos, dimensões internas da dinâmica pessoal e familiar (Greco & Comelli, 2008).

No desenho, seja ele livre ou temático, há a presença de uma expressão gráfica, enquanto que nos testes verbais a resposta limita-se à reação do indivíduo ao estímulo apresentado (Lima, 2010). Lima (2010) refere que ao compararmos a avaliação de aspetos emocionais realizada com desenhos e outros tipos de técnica, o desenho atinge um nível de pensamento primitivo pictórico, estando este num plano inconsciente. Neste sentido, Lima (2010) defende que a produção gráfica alcança mais profundamente

aspectos inconscientes do que a resposta verbal. Segundo o mesmo autor, a linguagem verbal é mais controlada conscientemente, quando comparada com a expressão gráfica. Este instrumento – Desenho da Gravidez, foi construído com o objetivo de analisar as expectativas no período da gravidez relativamente ao bebé e ao futuro da família. Optámos pela construção deste instrumento uma vez que não encontramos na literatura outro instrumento projetivo que respondesse às questões que pretendíamos explorar. Com efeito, as principais dimensões que esse breve guião pretende analisar são as representações mentais associadas à gravidez, associadas ao bebé (imaginário ou real?) e o que é para eles ser pais (cf. anexo I – c)).

Relativamente aos procedimentos de aplicação, numa primeira parte é pedido ao casal que, individualmente, desenhem como imaginam a gravidez. Após esta primeira tarefa, surgirá uma pequena partilha/reflexão em que cada um irá mostrar esse mesmo desenho e explicá-lo. Tudo isto com o intuito de fazer os casais refletirem sobre a gravidez, sobre a experiência que estão a viver e as fantasias, expectativas associadas.

Os principais objetivos do desenho projetivo foram explorar e verificar a importância da representação criada pela mãe, sobre o seu bebé, no decorrer do período gestacional, aprofundando as representações mentais psíquicas associadas aos domínios do bebé imaginário e do bebé real (identidades separadas?) e perceber o papel do pai neste plano. Pretendíamos também que através da reflexão sobre os domínios do bebé imaginado e real, se pudesse revelar, o papel do pai e da família de origem ou outras pessoas significativas.

2.4 Procedimentos de recolha dos dados

Para selecionar os participantes, pedimos a colaboração da Unidade Cuidados da Comunidade de Urgezes em Guimarães e a Farmácia local da mesma freguesia. A apresentação do estudo e consequente consentimento informado foram deixados nestes locais de forma a que fossem selecionados os participantes. Após este primeiro contato, contactámos telefonicamente os participantes interessados de forma a marcar um encontro com data e hora definidas para aplicarmos a entrevista.

O local da aplicação foi na farmácia local que dispõe dum conjunto de salas adequadas para um estudo deste género. O local escolhido é igualmente oportuno pois o ambiente ideal para a realização de entrevistas deve propiciar privacidade; ser confortável; estar livre de interferências sonoras. Tendo em conta que duas entrevistas foram realizadas a casais de Braga, o local escolhido foi, neste caso, um dos gabinetes

do Centro de Atendimento Psicológico e Formação Especializada da Faculdade de Filosofia de Braga. A entrevista foi então realizada num lugar calmo, que propiciou a privacidade, confortável e livre de interferências sonoras. Todas entrevistas foram gravadas em áudio para possibilitar uma análise correta e aprofundada dos dados.

Todos os elementos éticos foram respeitados, sendo que foi entregue a cada participante a carta de apresentação e consentimento informado (Cf. anexo II).

2.5 Análise dos dados

Foi realizada uma análise de conteúdo para ambos os instrumentos, tanto para a Entrevista Clínica Geracional como para o “Desenho da Gravidez”.

Nas pesquisas qualitativas a escolha do método para a análise de dados deve proporcionar um olhar multifacetado sobre a totalidade dos dados recolhidos. Um método muito utilizado na análise de dados qualitativos é a análise de conteúdo, ou seja, um conjunto de técnicas cujo principal objetivo é a procura do sentido ou dos sentidos de um documento (Bardin, 2002).

A análise de conteúdo aplica-se à análise de textos escritos ou de qualquer comunicação oral, visual, gestual. Tem como fundamento a compreensão crítica do significado das comunicações, o seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas (o dizível e o indizível) (Bardin, 2002). Daí a importância de utilizarmos esta metodologia, pois pretendemos perceber o conteúdo manifesto e latente na comunicação, o que está por de trás da construção do projeto parental e as suas vicissitudes.

Para Stemler (2001, *cit. in* Esteves, 2006) a análise de conteúdo é uma técnica sistemática e replicável para comprimir muitas palavras de um texto em poucas categorias de conteúdo, baseado em regras explícitas de codificação. Já para Holsti (1968 *cit. in* Esteves, 2006) é uma técnica para fazer inferências por identificação sistemática e objetiva de características específicas duma mensagem. A análise de conteúdo decorre mesmo de uma pergunta ou perguntas que o investigador coloca.

Sendo assim, como temos em conta que o processo de construção da família depende da influência do passado, do presente e das expectativas futuras, então consideramos que estes significados mais profundos sejam analisados considerando isso mesmo. O processo de categorização é a operação através da qual os dados (evocados/suscitados) são classificados e reduzidos, após terem sido identificados como pertinentes (Esteves, 2006). Já as categorias/classes são os dados contidos no material e

julgados pertinentes e que serão agrupados. Para a mesma autora, procedimentos fechados representam todos os casos em que o analista possui uma lista prévia de categorias apropriada ao objeto em estudo e a usa para classificar dados. Lista essa fornecida por uma teoria geral que se adota e que é apresentada no quadro teórico ou conceitual do trabalho.

Marroy (1997, *cit. in* Esteves, 2006) apresenta-nos uma terceira possibilidade, de encontrar uma “teoria local” (Esteves, 2006) ou de uma “*Grounded Theory*”, ou seja, uma teoria ajustada a um determinado fenómeno situado num contexto específico.

A partir então de unidades de registo que serão codificadas em cada categoria, extrai-se os indicadores que ajudam a compreender melhor o sentido da própria categoria, de acordo com a ótica dos inquiridos (Esteves, 2006). Para a mesma autora os indicadores representam inferências do investigador a partir das unidades de registo que tem perante si, mas são inferências ainda muito próximas do conteúdo manifesto nas comunicações. Posto isto, foi então construída uma grade de indicadores com categorias e subsequentes indicadores. Por último, realizamos uma grelha com categorias, indicadores e unidades de registo das entrevistas.

Neste sentido, foi realizada uma análise individual de cada entrevista realizada com os casais, sendo que, posteriormente, foi realizada uma nova análise sobre as principais dimensões presentes nas entrevistas, de forma a incorporar todas as dimensões mais importantes (cf. anexo III) tendo em conta os objetivos do nosso estudo. De seguida, apresentamos os principais resultados destas análises.

2.6 Apresentação dos resultados

A secção dos resultados será dividida em duas secções: uma dedicada à apresentação dos resultados obtidos na Entrevista Clínica Geracional (ECG) e outra dedicada à apresentação dos resultados obtidos no instrumento “Desenho da Gravidez”. Como a aplicação do instrumento projetivo “O Desenho da Gravidez” foi realizada após a aplicação da ECG, consideramos pertinente analisar estes dados conjuntamente porque algumas questões pretendidas pelo instrumento, foram sendo expostas durante quer a aplicação da entrevista quer a aplicação do instrumento projetivo. Neste sentido, será explorada num primeiro momento a parte verbal, ou seja, a análise das transcrições da entrevista e num segundo momento, será explorada a análise da grelha construída

que tinha como principal objetivo compreender as expectativas e desejos relativamente ao filho durante o período da gravidez.

2.6.1 Resultados: Entrevista Clínica Geracional

A análise de conteúdo remeteu-nos para 6 categorias de terceira ordem, 22 de segunda ordem e 58 de primeira ordem. Como categorias de terceira ordem surgiram: a Construção de um Projeto em Comum, a Dimensão Conjugal na transição para a parentalidade, Transmissão de Valores na transição para a parentalidade, a revisão do Ambiente de Origem como tarefa essencial para a transição para a parentalidade, a Construção da Paternidade e por fim, o Apoio na Transição para a Parentalidade. (Cf. anexo III para melhor perceção das categorias de terceira, segunda e primeira ordem apresentadas).

Relativamente à categoria **construção de um projeto em comum**, esta subdivide-se em três categorias de segunda ordem, nomeadamente projeções em relação ao futuro da família; diferenciação em relação à família de origem e por último, o não planeamento da construção do projeto em comum. Nesta primeira categoria alguns dos casais (N= 6) prefiguram desde cedo a construção da sua família, imaginando um futuro conjugal e familiar que inclui a realização de um projeto iniciado com a conjugação do casal, por outras palavras, estes casais apontam para esta construção desde o início do namoro: “(...) *passados 3 meses já andávamos com as alianças; pouco tempo depois já falávamos em casamento.*” (E3); “*antes de a conhecer nem pensava nisso, depois de a conhecer pensamos sinceramente em construir algo juntos.*” (E3). Sendo que alguns casais (N=3) apontam para uma construção ainda anterior ao relacionamento atual, ou seja, indicam projeções e prefigurações do planeamento e construção da parentalidade: “*sempre tive na minha mente que um dia... queria ter filhos*” (E7); alguns (N=3) confirmam que este projeto continua ao longo da vida, demonstrando o interesse em ter mais filhos, realizando uma prefiguração positiva deste projeto.

Apesar de a maioria dos casais (N=7) apresentar uma planificação consciente da construção do projeto em comum, alguns (N=2) referiram a não idealização da construção da vida familiar, incluindo as diferentes fases do relacionamento e planificação da gravidez, salientando a naturalidade dos acontecimentos da vida familiar e conjugal. Relativamente à antecipação da construção da família, um casal referiu a importância do outro nessa construção, salientando que esta construção só se iniciou graças ao envolvimento com o companheiro. Alguns dos casais (N=6) remetem para a

influência da família de origem no desejo da construção de uma família / projeção de um futuro semelhante ao que viveram.

Relativamente à categoria **dimensão conjugal**, esta categoria subdivide-se em cinco categorias de segunda ordem, sendo elas, as dificuldades sentidas pelo casal na construção da relação; a construção da relação conjugal; qualidades afetivas na união; resiliência conjugal e por fim, conhecer o parceiro como etapa fundamental de transformação. Nesta categoria, podemos compreender que o facto de se conhecerem um ao outro, faz parte do processo de transformação para a vida adulta e construção do projeto em comum: *“Conhecer (...) transformou-me da água para o vinho mesmo!”* (E1); *“(...) Eu quando comecei a namorar, ou um ano antes, só é que percebi... é que quis construir família, ter as poupanças, ter a minha casa... só a partir dos 30 anos... não planeava nada.”* (E1).

Quando questionados acerca das dimensões do relacionamento conjugal dos seus pais que foram transmitidas para o casal atual, apenas um casal referiu a importância da família de origem na construção da relação conjugal. Em relação à qualidade afetiva da relação conjugal, alguns entrevistados apontam para a importância da dimensão da partilha e da união na relação, no entanto foi a dimensão da diferenciação na relação do casal que mais se destacou, sendo apontada por 4 casais: *“Gostamos um do outro... mas... estamos juntos mas cada um é cada um, entende? Somos duas pessoas”* (E5).

Ainda relativamente à categoria dimensão conjugal, podemos aperceber de algumas dificuldades apontadas por alguns casais (N= 2) no início da construção da relação conjugal, pautadas por dificuldades sentidas pelo casal nesta fase, nomeadamente o choque na saída de casa dos pais e dificuldades na adaptação à vida conjugal. Por último, dois casais salientam a importância da resiliência na relação conjugal, salientando que se torna essencial que o casal se consciencialize que tem de lutar por si.

Relativamente à categoria de terceira ordem, **ambiente de origem** esta subdivide-se em duas categorias de segunda ordem, os principais relacionamentos do ambiente de origem e a contextualização do ambiente de origem. A categoria de terceira ordem ambiente de origem aponta-nos para a dimensão das recordações e da importância dos principais relacionamentos familiares ao longo da vida individual e conjugal, se não vejamos: alguns casais (N=8) apontam para a importância dos pais durante a vida, salientando as recordações da fase de infância e a presença constante na vida infantil e também de agora. Dois casais apresentam dificuldades no relacionamento

com pelo menos um dos progenitores, sendo que apontam para relacionamentos mais pobres devido à pouca presença dos progenitores na vida de infância deles.

A quarta categoria de terceira ordem é a dimensão do **apoio**, ou seja, as principais figuras que são reconhecidas pelos casais como figuras de apoio fundamentais ao longo da vida, sendo que alguns casais (N=6) apontam a família de origem como figuras imprescindíveis nesta fase de vida e noutras fases.

A categoria de terceira ordem **transição para a parentalidade**, subdivide-se em 9 categorias de segunda ordem, nomeadamente, o não planeamento da gravidez, gravidez como parte da vida conjugal, vivências no período da gravidez, tornar-se pai e tornar-se mãe, envolvimento paterno, envolvimento relacional do casal, construção real do bebé, expetativas na fase da gravidez, motivos que sustentam a parentalidade e modelos parentais da família de origem.

Relativamente à transição para a parentalidade, de facto conseguimos enunciar alguns elementos fundamentais para a reflexão de todo este processo. Apesar de três casais referirem que a gravidez não foi planeada, apenas um casal apontou a dificuldade em aceitar a gravidez *“quando demos por ela já estava grávida, como dizer... não estava planeado... mas pronto decidimos continuar...”* (E1) enunciando posteriormente que a gravidez acabou por aproximar o casal, sendo que não consideramos que este elemento poderá não ser significativo, tendo em conta que só um casal apontou para uma maior aproximação ser fruto da gravidez: *“Estamos juntos há pouco... mas o facto de ter ficado grávida, aproximou-nos mais”* (E1); *“O facto de... de ter ficado grávida também nos acalmou um bocadinho, nos juntou mais, mais compreensivos...”* (E1).

Relativamente à categoria de segunda ordem vivências no período da gravidez, um casal indicou a reconstrução da relação de casal durante a gravidez: *“A relação tem de ser assim... evolui até... não é?”* (E9). Em relação às expetativas relativamente à maternidade, apenas um casal referiu diretamente que considerava que existiria um “instinto de maternidade” apontando para sensações de que a gravidez e relação já teriam acontecido.

Alguns casais (N=6) apontaram as principais expetativas e receios relativamente à parentalidade, desde receios na transmissão da educação e dos valores, revelando um misto de emoções (ansiedade, alegria) relativamente a esta fase, tanto as futuras mães como os futuros pais revelam este misto de emoções. Os receios e expetativas levantadas são maioritariamente em relação ao futuro familiar e conjugal, e não relacionados com a fase que estão a viver, mas sim uma antecipação do futuro.

Relativamente ao tornar-se pai e tornar-se mãe, algumas mães (N=2) revelaram a importância de que a gravidez seja tranquila para que a criança nasça mais feliz, revelando que é fundamental para o futuro da criança: *“Eu acho que influencia para o lado positivo, costuma-se dizer que se ela começar a receber já esta alegria, este carinho, a partir de dentro, quando sair será uma pessoa feliz, mais acarinhada!”* (E5). Um casal revelou a forte sensibilidade das mulheres nesta fase, revelando que: *“Nós andamos mais sensíveis.”* (E4).

Ainda na mesma categoria, surge-nos a transição da idealização para a concretização da gravidez, revelada pela dificuldade em engravidar que alguns casais enfrentaram (N=2) e o “instinto maternal” como parte integrante de si mesma desde a infância (N=1). Ainda na transição para a parentalidade, ou seja, tornar-se pai e tornar-se mãe (categoria de terceira ordem), alguns casais apontaram para a gravidez como um período de grandes mudanças (N=3), quer a nível físico quer a nível psicológico. Um casal revelou a tranquilidade que está a viver neste período de gravidez.

Em relação ao envolvimento paterno, (N=4) consideram a importância do apoio do companheiro na fase da gravidez: *“E eu gosto que ele esteja sempre por perto. Mas acompanha-me em tudo. Mesmo nos médicos, nos...até nas aulas de preparação para o parto (...)”* (E4); *“Quem tem de dar apoio tenho de ser eu...”* (E9); *“O pai tem de estar presente...”* (E9). Um casal revelou ainda a importância da relação conjugal ser aberta e comunicativa durante a gravidez.

Relativamente à construção real do bebé, resultados estes apontados pelo desenho e pela entrevista, pelo menos um casal revelou algum receio na precisão em dar respostas adequadas às necessidades do filho. Já em relação às projeções e expectativas no futuro da criança, alguns casais (N=2) apontam para a idealização do futuro da criança, do sexo desta, entre outros.

Ainda relativamente à construção real do bebé, alguns casais reconhecem já o bebé como alteridade (N=5), quer através da nomeação da criança e da imaginação de feições, entre outros. Um casal aponta para a dimensão de pertença à relação conjugal, utilizando a metáfora do fruto: *“então nesta fase... está alguém para chegar, que é nosso, nosso fruto. Basicamente temos de nos preparar.”* (E6). Um outro casal revela o sentido de pertença e de continuidade geracional com o filho que está prestes a chegar: *“Vem mais um ser nosso, é mais responsabilidade e união, mais um fruto para a nossa relação.”* (E8). Como motivos que sustentam a parentalidade, um casal apresenta a criança como uma possibilidade de maior alegria para a família. Em relação aos

modelos parentais, pelo menos um casal revela a intenção de não repetir o que não gostou na sua família de origem.

Relativamente à categoria de terceira ordem **valores**, esta categoria divide-se na categoria de segunda ordem importância de valores de Educação transmitidos de geração em geração.

A categoria valores foi subdividida na categoria “importância dos valores de educação transmitidos de geração em geração”, sendo esta uma das dimensões mais importantes para a totalidade dos casais no que diz respeito ao futuro do casal, da família e do próprio filho. Um casal referiu a importância de transmitir valores de educação no geral para a criança, desde a partilha dos valores paternos da responsabilidade, do sustento da família, o respeito, dedicação, entre outros.

Alguns valores como solidariedade (N=1), ajuda ao próximo (N=3), religião (N=1), tolerância (N=2), independência (N=2), foram surgindo ao longo da análise das entrevistas, no entanto a dimensão do respeito (N=7) por si mesmo e pelos avós foi o valor mais salientando pelos casais, sendo que esses mesmos casais salientaram que este era um valor já transmitido geracionalmente, ou seja, pelas suas famílias de origem.

Ainda relativamente à herança geracional dos valores, alguns casais (N=3) salientaram a importância de se transmitir todos os valores incutidos pela família, apontando a própria identidade pessoal como fruto do que lhes fora transmitido: *“Eu sou aquilo... fruto daquilo que fui ensinado... e do que me foi incutido... (S: para o bem e para o mal não é?). Acho que deve acontecer com toda gente, somos muito daquilo que nos foi incutido na adolescência... é um bocado isso.”* (E8).

2.6.2 Resultados: “O Desenho da Gravidez”

Na análise realizada ao “Desenho da Gravidez” dos casais, construímos uma grelha de análise, tal como já foi referenciado na secção anterior. Nesta análise, tivemos em consideração duas dimensões: o produto final, ou seja, compreender o que foi desenhado e o processo, isto é, foi realizada uma análise sobre o que foi dito ao longo da aplicação do instrumento. Para esta análise, realizamos também uma grelha (cf. anexo IV) para a análise do produto final de cada uma das aplicações e posteriormente, uma análise geral de todas as aplicações (cf. anexo V).

Relativamente às principais dimensões presentes nos desenhos, consideramos importante salientar que os símbolos desenhados pelos participantes foram na sua grande maioria símbolos abstratos e encontra-se uma certa homogeneidade na escolha

dos símbolos. Consideramos que podemos explorar os desenhos através de três grandes grupos: os que desenharam especificamente o período da gravidez; os que desenharam as expectativas e receios em relação ao futuro e por último, os que desenharam os bebês e o que esperam com o nascimento deles.

Dos dezoito participantes (ou seja, nove casais), seis representaram especificamente o período da gravidez (N=6), salientando o que estão a vivenciar atualmente, sendo que alguns representaram a gravidez como um período de mudanças (N=2), salientando as mudanças físicas da mulher e a construção da família em si (um indivíduo), representando as várias mudanças pelas quais o casal tem passado (outro indivíduo). Destes seis participantes, um outro indivíduo representou a vida atarefada e a gravidez como um período de mudanças de humor, representando a sua mulher. Um outro participante representou as mudanças de humor da grávida, representando a casa e “ondas” de mudanças. Outro participante representou toda a família nuclear, sendo que o filho foi representado como uma flor em crescimento, ao contrário dos restantes membros familiares representados por “bonecos”. Um outro indivíduo representou a importância da gravidez ser um período calmo e alegre como a “praia”, desenhando isso mesmo.

Em relação ao envolvimento paterno, alguns casais (N=4) consideram a importância do apoio do companheiro na fase da gravidez: *“Desenhei um biberão... são tarefas... a fralda também... são tarefas que vou ter de começar a desenvolver mais não sei se... se vou conseguir mesmo mas pronto... uma fraldinha vá lá... são coisas que eu acho que... que eu vou ter de aprender, não posso deixar tudo para ela.. e pronto, também estou a pensar na fase de... de ter que conjugar o filho e o trabalho, porque certamente posso vir a ter noites que tenha que... pronto pôr a pé, não posso deixar tudo para ela. Apesar disto.. é uma alegria!”* (E1); *“e ele ao meu lado com um sorriso, a animar-me!”* (E6).

Alguns participantes (N=4) representaram as expectativas e ansiedade relativamente ao futuro, sendo que um desenhou a família nuclear e de origem à espera da gravidez representada pelo sol; outro indivíduo desenhou o nascimento do filho, em que o pai ansioso espera ao lado pelo momento; outro indivíduo representou as suas expectativas e prefigurações em relação ao futuro através do desenho de um bebé a sorrir com vários elementos ligados aos cuidados do bebé, referindo a sua dificuldade em lidar com esses elementos (muda de fraldas e alimentação); um quarto indivíduo representou um sorriso numa parte da folha e no outro lado da folha, desenhou um ponto de

interrogação, salientando o não saber o que lhe espera no futuro e o receio de enfrentar esta fase.

Por último, os participantes (N=8) que desenharam especificamente o bebé e os que esperam deles, representaram maioritariamente os seus filhos através de três elementos: o sol (N=3), árvores e os seus frutos (N=3), e corações (N=2). Os desenhos representados pelo sol ocupam toda a folha, sendo que os entrevistados referem que neste momento consideram os filhos como algo que brilha nas suas vidas; os corações, segundo os entrevistados, representam o amor que os futuros pais sentem pelos filhos. Por último, as árvores, são representadas como “árvores da vida”, apresentando aqui uma ligação com as várias gerações em que estão inseridos e onde querem inserir os seus filhos.

Em suma, os resultados evidenciam que a transição para a parentalidade é de facto um processo de mudanças, onde podemos salientar o período da gravidez como um período repleto de mudanças significativas para a relação de casal e cada um dos indivíduos. A dimensão conjugal aparece-nos interligada ao processo de construção da relação de casal e familiar, sendo que alguns casais atribuem esta construção e projeção de um futuro em comum ao facto de terem conhecido o outro. Apesar de alguns casais não referirem o planeamento da construção de um projeto em comum, a maioria dos casais (N=6) aponta para uma construção que se inicia na relação conjugal, pelo menos a um nível consciente.

Alguns dos casais (N=3) apontam para uma construção conjugal e familiar pautada pela diferenciação familiar, no entanto, esta construção é contrariada quando referem os modelos de vida que consideram importante transmitir aos filhos. A família de origem está muito presente em todas as dimensões (ambiente de origem, apoio, valores), salientamos em especial a importância dada a estes aquando falamos na transmissão de um modelo de vida e valores fundamentais para a construção da identidade pessoal, quer a nível individual (cada um dos indivíduos e do bebé), quer a nível conjugal. A construção de um vínculo para com o filho foi sendo salientada indiretamente pela maioria dos casais, sendo que podemos nos aperceber da construção real do bebé ainda feto, que em praticamente todas as entrevistas foi salientado como um ser diferente e alter respeito à mãe.

Como podemos ver nos desenhos, os símbolos e os desenhos no geral são de certa forma muito simples, acatando apenas alguns elementos como o bebé, a gravidez e o casal. Algumas das dimensões ligadas à dimensão da parentalidade foram encontradas

tanto na entrevista como nos desenhos. É de salientar que pelo menos 4 casais desenharam a família de origem (quer através da árvore quer através do desenho explícito da família), revelando aqui um sentido de generatividade. As expectativas em relação ao bebê e ao seu futuro, nomeadamente como serão enquanto cuidadores, qual será o futuro dos seus filhos, como será o nascimento e as mudanças, são salientadas com o instrumento de desenho, revelando uma certa apreensão sentida durante o período da gravidez, quer pelas mulheres (N=2) quer pelos homens (N=4).

2.7 Discussão dos resultados

«Seja qual for o resultado de uma gravidez... na vida do casal, nada vai voltar a ser como antes.»
(Justo, 1994; p.12)

Através da análise de dados das nove entrevistas realizadas, conseguimos refletir acerca das principais questões apontadas inicialmente. Surgiram igualmente alguns resultados inesperados que sugerem novos caminhos que podem ser seguidos para responder a novas questões. De seguida, iremos refletir sobre estas principais dimensões.

Relativamente aos principais resultados do nosso estudo exploratório, iremos refletir acerca de três temáticas que nos parecem resumir os principais contributos desta investigação para o conhecimento da construção da família e transição para a parentalidade. Neste sentido, as três temáticas são: a reflexão acerca da transição para a parentalidade, ou seja, a construção do projeto em comum e o que é tornar-se pai e tornar-se mãe atualmente; a reflexão acerca das principais vivências durante o período da gravidez e de que forma isto influencia a construção da parentalidade; e por último, a reflexão acerca das expectativas, receios e desejos construídos à volta do bebê e do futuro da família. Pretendemos numa forma geral refletir acerca dos resultados do nosso estudo, abordando estas principais dimensões.

Para Cigoli e Scabini (2006), é mais provável que a transição para a parentalidade seja bem-sucedida com pais altamente motivados que realmente querem os seus filhos. Isto porque, é considerado mais fácil construir um espaço mental adequado para a criança e para a sua experiência de parentalidade. Segundo Cigoli &

Scabini (2006), estes pais além de construírem um espaço mental adequado, vão integrar e assumir de forma mais confiante e competente com as mudanças radicais desencadeadas pelo nascimento. Nos nossos resultados, encontramos pelo menos um casal, de certa forma surpreendido pelo fenómeno da gravidez, sendo que demonstraram alguma dificuldade inicialmente, em lidar com o que estava a acontecer. Relatam que ficaram sem saber realmente o que fazer perante a gravidez, até porque havia um sentimento de não estarem preparados para receber um filho, e no caso de um outro casal, a mulher diz ter tomado a opção de não engravidar tão cedo. Não foram encontradas diferenças nos casais que esperavam pelo primeiro filho e o que esperava pelo segundo filho ou outros participantes que tinham já filhos. Seria pertinente perceber em futuros estudos se este fenómeno de transformação na transição para a parentalidade é diferente tal como é corroborado por alguns autores (McGoldrick, Heiman & Carter, 1993).

Contudo, torna-se importante introduzir neste momento um tópico abordado na discussão teórica sobre a possibilidade de o desejo de um filho poder disfarçar expetativas compensatórias (Ammaniti, 1994), quer em relação à história familiar vivenciada (Scabini & Iafrate, 2003; Scabini & Cigoli, 2006), quer relativamente à relação conjugal (Cardinali e Guidi, 1982), no entanto, consideramos que os nossos resultados não são suficientes para compreender este tema no sentido que as questões não estavam direcionadas para explorar estas expetativas compensatórias, embora, se possa inferir dos dados obtidos, que existem elementos que indicam a presença destas expetativas, sendo necessária, uma exploração futuramente.

Contrapondo a surpresa da notícia da gravidez, estão casais que relatavam com grande entusiasmo o planeamento da gravidez e toda a história envolvente, desde as suas expetativas em relação ao bebé e as mudanças que no futuro acontecerão. Este entusiasmo era corroborado pela forma como falavam dos seus planos, quer através da linguagem verbal e não-verbal. Estes casais prefiguravam desde cedo a construção conjugal/familiar, inclusivamente em tempos de namoro. Ao analisarmos os nossos resultados, conseguimos perceber que a construção da parentalidade, inicia-se desde que o casal se une, se não vejamos, a maioria dos casais (N=6) referem que prefiguraram desde cedo a construção da sua família, imaginando um futuro conjugal e familiar que inclui a realização de um projeto iniciado com a conjugação do casal, por outras palavras, estes casais apontam para esta construção desde o início do namoro, apontando para o encontro do parceiro como o ponto-chave para o início da construção

familiar. Outros casais (N=3) apontam para uma construção ainda anterior ao relacionamento atual, ou seja, indicam projeções e prefigurações do planeamento e construção da parentalidade. Cigoli e Scabini (2006) apontam para a importância da construção de uma identidade conjugal durante a relação de namoro, pois, através do processo da formação do laço conjugal e da formação desta identidade que vão construindo, anseiam novas etapas para si mesmos, sendo a parentalidade uma delas.

Relativamente à influência da família de origem na construção de um projeto em comum, os resultados indicam-nos duas dimensões: alguns casos apontam a influência da família de origem no desejo da construção da família, semelhante ao que viveram, salientando a importância da família de origem na construção deste projeto em comum (*“Foi porque tudo o que vi na minha família, nos meus pais, também queria para mim”* E4). De facto, o desejo da parentalidade poderá também surgir desde a infância, através de movimentos de identificação às figuras parentais, assumindo uma dimensão progressiva mais consciente sempre que um casal tem um projeto de vida em comum (Shapiro, Arnell & Raymond, 1997; Albornoz, 2006) e de facto confirma-se através dos nossos resultados, que o desejo da parentalidade vai surgindo com esta construção de um projeto de vida em comum por parte dos casais. O desejo da parentalidade e a projeção da construção do projeto é também confirmado através do desejo de ter mais filhos.

Outros participantes apontam para a diferenciação entre o que estão a construir juntos e o que vivenciaram na relação dos seus pais, salientando então a construção da relação conjugal pautada pela diferenciação da família de origem (*“Acho que o que se tenta fazer, (...) se calhar se houve alguns exemplos em que no seio familiar, do que fomos vendo... (...) se correu mal e achamos que não estava bem, então tentamos não repetir...”* E9). O movimento de “retorno ao passado” (Bornholdt & Wagner, 2005) despertou nos pais o desejo da não repetição. O que estes casais vivenciaram na família poderá ter dois significados: por um lado, estes casais podem ter vivenciado acontecimentos menos positivos, e por isso mesmo quererem melhorar as condições das relações ou poderá ser fruto de uma relação menos boa com os familiares, como é o caso de dois participantes neste estudo.

A passagem da díade conjugal para a tríade familiar (Minuchin, 1972; Carter & McGoldrick, 1995; Scabini & Cigoli, 2006) abarca várias mudanças na vida do casal e de cada um dos parceiros. Nessa perspetiva, tornar-se pai e mãe, é um dos acontecimentos mais marcantes no ciclo de vida individual e familiar, pois ocorrem

profundas transformações a nível individual, conjugal e familiar. Gottman e Notarius (2002) referem mesmo que existem processos críticos que determinam as principais transições desenvolvimentais que os casais costumam passar.

Neste estudo, não conseguimos explorar em profundidade as transformações psíquicas/individuais que se produzem no decorrer da transição para a parentalidade e se realmente acontece em todos os casais. Esta dificuldade poderá dever-se ao facto dos casais serem muito novos em que a idade média dos casais ronda entre os 25 e os 29 anos, e ainda devido ao facto de ser o primeiro filho. Alguns autores referem mesmo que esta transformação poderá acontecer apenas com a presença real do bebé, ou seja, os novos pais só consciencializam essas transformações após o nascimento do bebé. A respeito da inclusão de um terceiro elemento na relação conjugal, Neder e Quayle (1996) afirmam que no momento em que a díade homem-mulher passa a incluir um terceiro, constitui um processo importante para que haja o desenvolvimento do núcleo familiar. No entanto, salientam que só aquando o nascimento do filho é que se realiza a passagem da díade para a tríade e que neste momento se estabelece uma situação crítica, a nível individual e conjugal pois requer uma readaptação.

Gutton (2006) aponta que a transição para a parentalidade acontece através das transformações psíquicas e da retificação da história infantil, no entanto salienta que isto é um processo inconsciente e que poderá não ser passível de ser reconhecido durante o período da gravidez. Através do instrumento projeto “Desenho da Gravidez”, tentamos compreender as transformações a este nível. No entanto, consideramos que os casais além do desenho gráfico de exemplos como a adaptação à gravidez e expectativas em relação ao futuro, não focaram mais profundamente aspetos como as transformações psíquicas e até mesmo, a retificação da história infantil.

Uma temática explorada um pouco indiretamente na fundamentação teórica, foram as funções maternas e paternas. Cigoli e Scabini (2006), apontam que a expectativa na nossa contemporaneidade não é a divisão dessas mesmas funções entre a mãe e o pai, mas sim, que as funções são partilhadas pelos dois. Nos nossos resultados, encontramos casais que referem isso mesmo, que a importância e o papel do homem atualmente é mais inclusiva do que a que vivenciaram na família de origem e, consideram que com o nascimento da criança isso será mais notório. Por outras palavras, a partilha das funções de cuidado responsável é um dos aspetos mais apontados pelos casais (*“são tarefas que vou ter de começar a desenvolver mais não sei*

se... se vou conseguir mesmo mas pronto... são coisas que eu acho que... que eu vou ter de aprender, não posso deixar tudo para ela...” E1)

Relativamente às tarefas desenvolvimentais (Scabini & Iafrate, 2003; Scabini & Cigoli, 2006) que se espera que os casais realizem, encontramos algumas semelhanças relativamente ao que é apresentado na literatura. Enquanto pais, uma das tarefas é a definição do estilo educativo, sendo que este parece o tema que os casais mais refletiram ao longo da entrevista. Os valores a transmitir, como uma educação relativamente semelhante à que tiveram (*“O mesmo ideal que os nossos pais tem para a família deles, de educarem os filhos” E1; “Acho que se incutirmos estes valores de pessoa para pessoa, pai para filho, o respeito... acho isto mesmo importante.” E8*) e um estilo educativo mais pautado no estilo autoritário, são algumas das características apresentadas.

Ainda relativamente aos valores, os novos pais consideram ser fundamental transmitir aos seus filhos, valores que foram transmitidos de geração em geração. Nos relatos dos participantes, surge-nos um desejo de repetição do modelo parental, salientando a importância de se transmitir todos os valores incutidos pela família, apontando a própria identidade pessoal como fruto do que lhes fora transmitido (*“Eu sou aquilo... fruto daquilo que fui ensinado... e do que me foi incutido ... Acho que deve acontecer com toda gente, somos muito daquilo que nos foi incutido...” E6*) especialmente os aspetos positivos, o que consolida a literatura consultada (Trindade & Bruns, 1999). Aqui, são revelados alguns elementos da aliança parental, que se inicia através da construção parental durante o período da gravidez. De facto, o nosso estudo revela que os pais constroem essa aliança através da importância que dão ao transmitir determinados valores e ao refletirem em conjunto do que será melhor para os seus filhos no futuro.

Os resultados indicam ainda que alguns dos participantes desde que estavam no período da gravidez, sentem que pensavam mais nas memórias de infâncias e nas recordações dos principais relacionamentos vivenciados nesse período. Todos os casais, de alguma forma, foram contando algumas histórias sobre as relações familiares e como vivenciaram o papel dos seus pais, congruente com o que alguns autores afirmam que acontece durante a gravidez, a retificação da história infantil (Stern, 1977; Brazelton & Cramer, 1992; Shapiro, Arnell & Raymond 1994; Moro, 2002; Albornoz, 2006; Gutton, 2006; Ribeiro, 2007; Zornig, 2010). Ribeiro (2007) foi mais longe, constatando que este desejo de parentalidade emerge da nossa “trama identificadora” ou a chamada “dupla

identificação”. A maioria dos casais (N=8) apontam para a importância dos pais durante a vida, salientando as recordações da fase de infância e a presença constante na vida infantil e também de agora. Dois casais apresentam dificuldades no relacionamento com pelo menos um dos progenitores, sendo que apontam para relacionamentos mais pobres devido à pouca presença dos progenitores na sua vida de infância. Alguns autores apontam para que um preditor da relação entre pais e bebe após o nascimento é a narrativa da história passada, como vivenciaram e não tanto o que foi vivenciado (Minuchin, 1972; Gutton, 2006; Zornig, 2010; entre outros).

A dimensão conjugal abarca aqui um ponto muito importante na transição para a parentalidade: o casal passa por uma transformação a nível conjugal, no entanto, no nosso estudo, os casais não se concentraram nas mudanças que sentem neste período; encontramos a dimensão conjugal presente na prefiguração destes casais em relação ao futuro e não tanto na situação atual e nas mudanças que possam ter ocorrido.

Os casais apontam para a importância da dimensão da partilha e da união na relação, no entanto foi a dimensão da diferenciação na relação do casal que mais se destacou, sendo apontada por 4 casais. Isto poderá ser importante a ter em consideração quando pensamos na importância de perceber o bebe como alteridade em respeito ao do casal e não apenas como um seu prolongamento. Os casais que apontaram para a importância da diferenciação no casal, são os casais que desenham os bebés como alteridade dos diferentes elementos. De facto, este ponto alia-se ao que Cardinali e Guidi (1982) referem, ou seja que as relações em que os parceiros atingem uma suficiente diferenciação em relação ao outro, permitem ao seu filho ser acolhido como pessoa autónoma e dessa forma, dão a possibilidade de ser reconhecido na sua alteridade sem ser um prolongamento dos pais. Neste momento, encontramos uma outra tarefa desenvolvimental apresentada por Iafrate e Scabini (2003), a importância de iniciar um processo de diferenciação e reconhecimento do bebé como outra pessoa diferente de si.

Muitos dos problemas encontrados pelos casais na transição para a parentalidade são causados pela dificuldade em seguir para outra geração, ou seja, passar para cuidadores responsáveis dos seus próprios filhos (Cigoli & Scabini, 2006). Atualmente podemos-nos aperceber da dificuldade em manter a distância entre ser pai e ser “amigo”. Tudo isto envolve muito mais do que simplesmente ter um novo papel, mas sim, a construção de uma nova relação, hierarquicamente superior (Cigoli & Scabini, 2006). Mesmo que não fosse dito explicitamente, em relação a este assunto podemos

interpretar que alguns casais têm experienciado o desejo de manter uma relação quase de “igual para igual”. Estes casais foram indiretamente falando acerca disso, apostando numa educação diferente da que tiveram (mais “tradicionalista”) e com a qual não concordam e não pretendem repetir, podendo incorrer neste relacionamento de nível hierárquico horizontal.

Em relação ao envolvimento paterno, os resultados indicam-nos a importância do apoio do companheiro na fase da gravidez, quer na planificação do futuro, quer no acompanhamento às consultas e de sessões de preparação para o parto, ou até mesmo ajuda nos cuidados básicos ao bebé e domésticos, entre outros. Os casais salientam ainda que os homens são mais pacientes, mais compreensivos, e mais disponíveis tanto para a mulher como para a relação, corroborando os dados apontados na literatura sobre o importante papel do homem nesta fase; nomeadamente o que Piccinini *et al* (2004) chamam de conexão emocional do pai com a mãe e com o bebé, salientando a participação em atividades com a mãe, nos preparativos de chegada do bebé, no apoio emocional proporcionado à mãe, procura de contato com o bebé e nas preocupações relativas ao futuro.

Os resultados do presente estudo consolidam também os dados apresentados por Pleck (1997) e Pacheco *et al* (2005) que referem que os pais reagem bem ao aumento de necessidades emocionais durante a gravidez, demonstrando que os pais apresentam alguma sensibilidade para perceber as mudanças emocionais das esposas, tentando adequar os seus comportamentos e atitudes; e também por Condon (1993) que aponta que o desejo de ter conhecimento sobre o feto, o prazer na interação com o feto, o desejo de o proteger e ir ao encontro das necessidades da mulher, são indicadores da presença da ligação entre pai e filho. Os resultados apontam ainda que o envolvimento do pai é visto como um ponto fundamental para a qualidade conjugal; especificamente os resultados indicam a importância dada pelas mulheres ao facto da relação conjugal ser aberta e valorizar a comunicação durante a gravidez.

Bornholdt e Wagner (2005) em particular apontam para uma conclusão que consideramos pertinente remeter em relação aos nossos resultados: ainda que hoje os homens participem mais no processo de gravidez, na sua maioria, eles não tiveram modelos de “pais participantes”. Neste sentido, um estudo de White (1994, *cit. in* Bornholdt & Wagner, 2005) revela que as recordações dos homens em relação aos seus pais são sobre a ausência afetiva. Relativamente a uma questão formulada na entrevista sobre “o que significa ser pai para ti”, todos os pais (11 pais entre os 31 e 48 anos)

salientam a pouca envolvimento afetiva nos primeiros anos de vida. De uma forma geral, alguns participantes homens salientaram uma vontade de participar nos cuidados do bebê, apesar de não estarem muito seguros quanto a um desempenho bem-sucedido nestas tarefas, algo revelado também através do desenho e das dificuldades em perceber determinadas funções. Algumas mães também revelaram uma visão pouco positiva das suas competências maternas, salientando a ansiedade pelo nascimento do bebê para se poderem rever enquanto cuidadoras e perceber se estão prontas para tal. Resultados semelhantes também foram encontrados noutros estudos (Anderson, 1996; Piccinini *et al* 2004).

Muitos autores referem a qualidade da relação conjugal como um fator de forte influência nas atitudes parentais (Minuchin, 1985; Heavey, Shenk & Christensen, 1994; Kreppner, 1999; Minsel, Fthenakis & Deppe, 1999; Deppe, Fthenakis & Minsel, 1999). Relativamente a isto, seria pertinente em estudos posteriores sobre a transição para a parentalidade, compreender se a satisfação conjugal se altera com esta transição. No nosso estudo os casais remetem-se para o encontro e início do laço conjugal, no entanto não indicam diferenças relativamente ao período da gravidez.

Relativamente às mudanças emocionais das mulheres presentes no nosso estudo, os resultados apontam para a gravidez como um período de grandes mudanças, quer a nível físico quer a nível psicológico, corroborando o que a literatura nos demonstra. Bibring, Dwyer, Huntigton e Valenstein (1961) apontam, num artigo clássico sobre os aspetos psicológicos da gravidez, esta experiência como um período de “crise maturacional” que, apesar de ser determinada sobretudo biologicamente (tal como a puberdade e a menopausa), acarreta transformações psicológicas, de adaptação a uma realidade física mas também emocional. Para Piccinini, Gomes, De Nardi e Lopes (2008) na gravidez ocorrem mudanças biológicas, somáticas, psicológicas e sociais que influenciam a dinâmica psíquica individual e as demais relações sociais da gestante, e a maneira como ela vive estas mudanças repercute intensamente na constituição da maternidade e na relação mãe-bebê.

A entrada e acomodação de um novo membro na família exige do casal um grande potencial de adaptação, uma vez que demanda a síntese de duas histórias familiares diferentes e a interferência da família de origem acontece sempre (Andolfi & Angelo, 1989; Bornhodldt & Wagner, 2005). Isto poderá ser representado através de valores, crenças, mitos, segredos e legados; os autores vão ainda mais longe quando salientam que a influência da família de origem é inevitável. Segundo Bornhodldt e

Wagner (2005), o processo de transformação para a parentalidade envolve fatores complexos intimamente ligados às vivências com a família, tanto que no período da gravidez é notória a maior presença e um convívio harmonioso com o casal, algo que os nossos resultados confirmam; os casais demonstram que atualmente, a família de origem é a principal fonte de apoio dos casais.

Neste sentido, durante o período da gravidez, os casais planeiam e antecipam o suporte e apoio por parte das pessoas mais significativas, especialmente após o parto, salientando este como um período importante em que precisam de ajuda especialmente da família de origem, que tem a “experiência” necessária para saber lidar com algumas situações. Estes resultados são também salientados no estudo de Dessen e Braz (2000), em que a rede social de apoio é fundamental no enfrentamento de transições normativas e não normativas no processo de desenvolvimento, especialmente no período de transição para a parentalidade, sendo que a família de origem de ambos os cônjuges é apresentada como a principal fonte de apoio, quer a nível emocional e psicológico (apontado pelas mães), quer a nível financeiro e material (apontado pelos pais). Os resultados são ainda corroborados por Pacheco *et al.* (2005) que referem que as grávidas planeiam o suporte das pessoas mais próximas do seu contexto familiar e social.

Relativamente a esta temática do apoio que os casais sentem, a literatura aponta que o auxílio é recebido, principalmente, da família materna e de parentes do sexo feminino (Lewis, 1987; Ferreira, 1991; Brito-Dias, 1994), o que não foi corroborado pelos dados deste estudo, pois tanto a família materna como a família paterna assumem neste momento um papel preponderante no período da gravidez dos casais que entrevistamos. Provavelmente estas diferenças encontradas no nosso estudo são sustentadas pelas mudanças nas famílias nos últimos anos, nomeadamente, o aumento de importância do papel masculino nas tarefas parentais, os cuidados parentais não serem apenas destinados às mulheres, entre outros.

A construção de uma imagem mental do bebé, as expectativas que o casal tem sobre o bebé e o desejo da chegada do filho, demonstram o início da relação entre pais e bebé. O bebé nasce emaranhado numa teia de desejos parentais (conscientes e inconscientes) que revelam o nosso sentimento de pertença a uma família, a uma geração (Brazelton & Cramer, 1992; Ribeiro, 2007), a uma história/estirpe (Scabini & Cigoli, 2000). Os resultados deste estudo revelaram que a grande maioria dos casais demonstrou já ter construído uma imagem mental sobre o bebé, nomeadamente sobre as suas possíveis características físicas, psicológicas, género do bebé, escolha do nome,

preocupações com o futuro e expectativas relativamente ao papel de pais. Contudo houve exceções, pois alguns não relataram a construção de uma imagem mental do bebé, não o desenhando, não lhe apontando características, não o nomeando, havendo até alguns que nem desenhavam a mãe grávida, remetendo-se apenas para o aqui e agora, a situação atual, a sua casa, o trabalho, não havendo indicadores que fossem no sentido de pronunciar a presença de um novo elemento na família. Tal como Piccinini *et al.* (2004) reconheceram, imaginar características do bebé auxilia na construção de uma identidade para o mesmo, como ser alter que é, tornando-o mesmo mais real. Os resultados do estudo destes autores indicaram que as mães procuram, já desde a gestação, dar identidade ao bebé, atribuindo-lhe expectativas e sentimentos quanto ao seu sexo, nome, características psicológicas, saúde, além de interagirem com ele. Uma das formas mais utilizadas pelos pais para personificar o bebé no nosso estudo, foi a escolha do seu nome (pelo menos 7 casais). Segundo Houzel (2004) a prática da parentalidade engloba todo o campo de cuidados parentais, incluindo interações afetivas e fantasmáticas entre pais e filhos. A construção da identidade do bebé é auxiliada pelo vínculo parental que é construído, ou seja, pela aliança parental. Por vezes, este vínculo parental poderá parecer paradoxal, porque os pais têm de ao mesmo tempo vincular-se e separar-se da criança (Cigoli & Scabini, 2006).

As expectativas relativamente ao futuro do bebé foi um dos campos do estudo em que os participantes mais colaboraram e exploraram. Foram contemplados aspetos como o tipo de educação que será tida em conta (*“No fundo, o nosso grande objetivo seria conseguirmos transmitir uma boa educação, que o nosso filho acima de tudo se respeitasse a ele próprio e aos outros, no fundo...”* E2), os valores que pretendem transmitir, explorando dimensões como respeito, solidariedade, tolerância perante os outros, e a idealização de como será o bebé futuramente (*“vai ser calminha, queremos que ela seja calminha. Já temos assim algumas coisas, que estude.”* E4; *“Nós fomos pensando em nomes e tudo (...) Queremos muito que ele venha é com saúde! Escolhemos o nome A., e pronto a ver vamos quando ele chegar como vai ser.”* E3)

Alguns casais já se imaginam a dar conselhos aos seus filhos e a como educá-los, mostrando o que é certo e o que é errado, mas mesmo assim dando liberdade aos filhos para escolher o seu caminho. Estes resultados são semelhantes aos que Levandowski e Piccinini (2006) foram confrontados com, de que de certa forma é imaginado pelos futuros pais uma *utopia de parentalidade* e de que será um processo linear. Os autores referem o que poderá ser um modelo ideal de relacionamento pais-

filho, corroborando outros estudos que apontam que este “modelo ideal” poderá surgir para se compensar a falta de afeto na relação com os próprios pais, esperando para si uma paternidade ligada ao afeto e ao diálogo. Segundo Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer e Lopes (2009), os pais nomeiam e atribuem características ao bebê durante a gravidez para semear o sentimento de pertença de um ser que ao mesmo tempo que é íntimo e próximo é também desconhecido. Este movimento de aproximação para conhecer o bebê, estabelece de certa forma um padrão de relacionamento entre mãe-bebê e pai-bebê; para os mesmos autores e para Bradley (2000; *cit. in* Piccinini, Levandowski, Gomes, Lindenmeyer e Lopes, 2009), este modelo relacional servirá como mote na relação triádica entre pais e bebê após o nascimento.

Em suma, podemos nos aperceber de algumas congruências entre o que nos é apresentado pela literatura com os resultados obtidos. No entanto, é de salientar que não foi possível corroborar todos os dados. A transição para a parentalidade e os elementos que comportam esta fase não foram ainda muito explorados pela literatura, pelo que este estudo poderá abrir novos caminhos para continuarmos a refletir sobre o processo da parentalidade. De facto, a própria fase está em constante transformação, graças às mudanças ocorridas na organização do sistema familiar, visto que não há mais um modelo de referência única como à 20 ou 30 anos atrás. Por outras palavras, o conceito de família nuclear e casamento passaram por várias e longas transformações (Petrini, Alcântara & Moreira, 2007).

Conclusão

Consideramos que este estudo abriu uma possibilidade de exploração acerca do conceito de parentalidade, através de um modelo ainda pouco familiar em Portugal, como o modelo relacional/simbólico. O modelo relacional aposta numa visão integral do ser humano, salientando a importância dos principais relacionamentos a que estamos ligados e de facto, tal como já foi amplamente discutido anteriormente, cada ser humano nasce num enredo de relações e histórias. A família, segundo Scabini e Cigoli (2000), é uma organização única e específica, que conecta e detém no mesmo espaço, as diferenças originárias e fundamentais ao ser humano, as de género, entre masculino e feminino, as de geração, entre as dos pais e filhos por exemplo, e as de estirpe, que unem ambas famílias do casal, tendo como objetivo e projeto intrínseco a

generatividade. Consideramos que de certa forma, contribuímos para o aprofundamento da psicologia da família, procurando compreender o processo de construção da parentalidade e as principais dimensões consideradas durante o período da gravidez, tendo em conta a chegada de um terceiro elemento à família.

O fenómeno da gravidez e transição para a parentalidade evidenciou-se bastante complexo no que se refere aos aspetos pessoais, conjugais e transgeracionais, o que tornou, por sua vez, ainda mais complexo este estudo; e de facto as experiências de transição para a parentalidade apresentadas são ilustrativas das possíveis vivências da parentalidade mas, considerando que se trata de um estudo exploratório e qualitativo, não poderemos generalizar estes resultados.

Através dos nossos resultados, conseguimos compreender que para estes casais, a construção do projeto em comum, se iniciou para alguns antes de se conhecerem, por expectativas e desejos conscientes e inconscientes, remetendo para o que foi vivenciado e querem repercutir na família. Outros casais, apontam para a ligação entre a construção deste projeto através da construção do laço conjugal, e de facto, os estudos apontam para esta ligação, de que é necessário que os casais construam uma identidade conjugal para poderem avançar para a nova posição geracional (Iafrate & Scabini, 2003).

Sumariamente, os resultados deste estudo revelam que a transição para a parentalidade requer que os pais construam um espaço mental adequado (Cigoli & Scabini, 2006) para a chegada da criança, o que abarca determinadas mudanças a nível interno. Estas transformações/mudanças acontecem a nível individual (Gottman & Notarius, 2002), conjugal e familiar (Iafrate & Scabini, 2003; Cigoli & Scabini, 2006). A nível conjugal, o único ponto apontado pelos casais é a aliança parental construída, que pode ser compreendida pelo envolvimento paternal. De facto, consideramos que as transformações individuais e conjugais apontadas pela literatura, não foram referidas pelos casais. Surge-nos a questão: será que os casais não passam por estas transformações ou simplesmente, ainda não se teriam consciencializado disso mesmo? Consideramos que a resposta poderá estar na segunda hipótese, e que estes casais poderiam ainda não ter consciencializado as mesmas nesta fase de vida. Estas questões poderiam ser exploradas em estudos posteriores, conduzindo a investigação mais aprofundadamente para esta temática. Isto poderá demonstrar que seria pertinente adequar ou reestruturar (inserindo novas questões) a entrevista clínica geracional de forma a atingir estes objetivos.

A transmissão geracional é também um dos principais pontos abordados ao longo do nosso estudo. Nos resultados do nosso estudo, podemos nos aperceber que esta transmissão é vivenciada através da transmissão de valores e da transmissão dos estilos parentais. Esta transmissão aparece-nos como uma das principais tarefas que o casal pretende seguir na vida familiar. E apesar de atualmente vivenciarmos uma atitude menos autoritária face aos estilos parentais, os casais apontam para a necessidade de seguir estes mesmos padrões para o que chamam de melhor forma de educar os seus filhos.

O processo de diferenciação relativamente à família de origem (Bowen, 1966; Iafrate & Scabini, 2003) e em relação ao parceiro (Guidi, 1982) são preditores da relação entre pais e filhos. Para Guidi (1982), esta diferenciação permite o acolhimento do filho como pessoa autónoma e não um prolongamento de si mesmos.

O bebé nasce emaranhado numa teia de desejos, inconscientes e conscientes, em que os pais começam desde cedo a vivenciar expetativas relativamente ao nascimento e a como o bebé será, desde a nomeação do bebé, ao dar características psicológicas, entre outros. Existe um leque de expetativas e receios apontados, quer relativamente ao bebé, quer em relação ao futuro familiar, quer ao papel de pais. Relativamente às expetativas quer em relação ao bebé, quer em relação ao futuro conjugal e familiar, seria importante em estudos posteriores, compreender se estas expetativas que os casais apresentaram, se concretizaram. Consideramos que um segundo estudo com os mesmos casais em que se pudesse analisar e compreender como vivenciam agora estes pais as expetativas que tanto ansiavam neste período e apresentam ao longo da entrevista.

É importante ainda apontar que não surgiram diferenças relativamente à construção de um projeto em comum e as suas transformações no que concerne ao ser uma primeira gravidez ou uma segunda gravidez. Parece-nos que o nascimento de cada filho abarca determinadas transformações e que o que é vivenciado na primeira gravidez, poderá também emergir numa segunda ou terceira gravidez. Isto porque, por exemplo, o casal que está à espera do segundo filho, aponta igualmente para as recordações da história passada em criança, apontam para as funções parentais e a sua partilha, entre outros. Consideramos que graças às transformações histórico-sociais que estamos a vivenciar, conduzem os casais a uma reorganização estrutural e familiar para receber o filho.

Referências bibliográficas

- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1996). O uso de procedimentos projetivos na pesquisa sobre representação social. In R. M. L. L. Carvalho. (1996). *Repensando a formação do psicólogo: Da informação à descoberta*. São Paulo: Alínea.
- Albornoz, A. C. G. (2006). Fantasmas no Berço e o Psiquismo do Bebê. Revista Barbarói da Universidade de Santa Cruz do Sul, v. 2 nº 25, p. 155-163.
- Almeida, L. S., Diniz, A. M., Pais, L. G., & Guisande, M. A. (2006). A avaliação psicológica na prática dos psicólogos: As provas psicológicas usadas em Portugal. In Machado, C, Almeida, L. S., Guisande, M. A., Gonçalves, M. & Ramalho V. (Orgs.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos* (Vol. 11, pp. 1091-1097). Braga: Psiquilíbrios.
- Alves, I. C. B. (1998). *As Técnicas no Psicodiagnóstico e Sua Função na Psicoterapia* (s/d)
- Araújo, A. F. e Canavarro, M.C. (2001). *Mães de bebés prematuros: fatores psicossociais e reações emocionais na prematuridade*. Comunicação apresentada no Congresso Internacional Percursos no Feminino, Minho.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). Fidedignidade. In Anastasi, A. & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica*. (pp. 84-105). Artmed: Porto Alegre.
- Anton, I. L .C. (1998). A escolha do cônjuge. Um entendimento sistêmico e psicodinâmico. Porto Alegre: Artmed
- Aulagnier, P. (1994). Nacimiento de un cuerpo, inicio de una historia. In Horstein, L. (Org.), *Cuerpo, historia, interpretación: Piera Aulagnier - de lo originario al proyecto indentificador*. Buenos Aires: Paidós. pp. 117-170.
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70
- Bateson, G. (1972). *Steps to an Ecology of Mind*. University Of Chicago Press
- Bibring, G., Dwyer, T., Huntington, D., & Valenstein, A. (1961). A study of the psychological processes in pregnancy and of the earliest mother-child relationship. *Psychoanalytic Study of the Child*, 16, 9-24.
- Bydlowski, M. (2002). O olhar interior da mulher grávida: Transparência psíquica e representação do objeto interno. In: Corrêa Filho, L., Corrêa Girade, M. H. &

- França, P. (Orgs.). *Novos olhares sobre a gestação e a criança até 3 anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê*. Brasília: L.G.E. Editora.
- Bradt, J. O. (1995). Tornando-se pais: famílias com filhos pequenos. In Carter, B & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas. Pp. 206-221
- Brazelton, T.B. (1988). *O desenvolvimento do apego: uma família em formação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Brazelton, T.B. & Cramer, B. (2007). *A relação mais precoce*. Lisboa: Terramar
- Brito-Dias, C.M.S. (1994). A importância dos avós no contexto familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 10, 31-40.
- Bornholdt, E. A., & Wagner, A. (2005). A gravidez à luz da perspectiva paterna: aspectos relativos à transgeracionalidade. In A. Wagner (Org), *Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares* (pp.81-93). Porto Alegre: Artes Médicas
- Boszormeny-Nagy, I. & Spark, G. (2003) *Lealtades invisibles*. Buenos Aires: Amorrortu
- Bouchard, G., Boudreau, J., & Hébert, R. (2006). Transition to parenthood and conjugal life: Comparisons between planned and unplanned pregnancies. *Journal of Family Issues*, 27, 1512–1531.
- Carter, B. & McGoldrick, M. (1995). *As mudanças no ciclo de vida familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Canavarro, M. C. (2001). *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Cardinali, F. & Guidi, G. (1992). La coppia in crisi di gravidanza. Sulla necessità di ripensare l'intervento istituzionale. Istituto di terapia familiare. Ancona.
- Cigoli, V. (2006). *L'albero della discendenza, clinica dei corpi familiari*. Milano: Franco Angeli
- Cigoli, V. & Scabini, E. (2006). *Family Identity. Ties, Symbols, and Transitions*. London: Lawrence Erlbaum Associations.
- Cigoli V., Gozzoli C., Marta E., Tamanza G. (2003), Generatività Familiare. Una ricerca con l'intervista clinica intergenerazionale, in S Di Nuovo, S Buono (a cura di), *Famiglie con figli disabili. Valori, crisi evolutiva, strategie di intervento*, Città Aperta, Catania, pp. 13-49.
- Colarussso, C.A. (1992). *Child and adult development: a psychoanalytic introduction for clinicians*. New York: Plenum Press

- Conde, A. & Figueiredo, B. (2007). Preocupações de mães e pais na gravidez, parto e pós-parto. *Análise Psicológica*. Vol. 3, 25, pp. 381-398
- Condon, J. T. (1993). The assessment of antenatal emotional attachment: development of a questionnaire instrument. *British Journal of Medical Psychology*. pp. 167-183.
- Colman, A. D. & Colman, L. L. (1971) *Pregnancy: The Psychological Experience*. New York: Herder & Herder
- Elsen, I. (2002). Cuidado familiar: uma proposta inicial de sistematização conceitual. In: Elsen, I, Marcon, S. S. & Santos, M. R. (Orgs.). O viver em família e a sua interface com a saúde e a doença. Maringá: Eduem.
- Esteves, M. (2006). Análise de conteúdo. In: Lima, J.A. & Pacheco, J.A. *Fazer investigação. Contributo para a elaboração de dissertações e teses*. Porto: Porto Editora.
- Ferreira, E.A.P. (1991). Irmãos que cuidam de irmãos na ausência dos pais: um estudo sobre desempenho de tarefas domésticas e interação entre irmãos. Tese de Mestrado. Universidade de Brasília, Brasília.
- Facchin, S., Molgora, S. & Gonçalves, A. (2010). Tradução e adaptação ao contexto português da “Intervista Clínica Generazionale”. In Cigoli, V. & Gennari, M. (ed.) *Close relationships and community psychology: An international perspective*. Itália: Franco Angeli
- Flaquer, L. (1998). 'Família, mercat i estat de benestar'. En Giner, S. (ed.) *La societat catalana*. Barcelona: Institut d'Estadística de Catalunya, pp. 467-475.
- Flick, U. (2002). Métodos Qualitativos na Investigação Científica. Lisboa, Portugal: Monitor.
- Fortain, M. F. (2009). O processo de Investigação. Da conceção à realização. Lisboa: Lusociência.
- Fuster, E. G. & Ochoa, G. M. (2000). *Psicología Social de la Familia*. Barcelona: Ediciones Paidós.
- Gambini, P. (2007). *Psicologia della famiglia. L'approccio sistemico-relazionale*. Milano: Franco Angeli
- Greco, O. & Comelli, I. (2008). La doppia luna. In D. Margola (Ed.), *Tecniche psicologiche d'indagine clinica*. (pp.149-197). Milão, Itália: Franco Angeli.
- Greco, O. & Iafrate, R. (2002). Figli al confine, una ricerca multimetodologica sull'affidamento familiare. Milano: Franco Angeli.

- Golse, B. (2002). Depressão do bebê, depressão da mãe, conceito de psiquiatria perinatal. In: Corrêa F. L., Corrêa, G. M. H. & França, P. (2002). Novos olhares sobre a gestação e a criança até três anos: saúde perinatal, educação e desenvolvimento do bebê. Brasília: L. G. E. Editora
- Golse, B. (2006). *L'être-bébé*. Paris: PUF.
- Gottman, J. & Notarius, C. (2002). Marital research in the 20th century and a research agenda for the 21th century. *Family Process*. Vol. 41, nº 2, pp. 159-197
- Hernandez, J. A. & Hutz, C. S. (2008). Gravidez do primeiro filho: papéis sexuais, ajustamento conjugal e emocional. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*. Vol. 24, nº 2, pp. 133-141
- Houzel, D. (2004). As implicações da parentalidade. In Solis-Ponton, L. *Ser pai, ser mãe. Parentalidade: um desafio para o terceiro milénio*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Julien, P. (2000). *Abandonarás teu pai e tua mãe*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud
- Klaus, M., & Kennel, J. (1992). *Pais/bebê: A formação do apego*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Krob, A. R. (1999). *A transição para a paternidade e a interação pai-bebê*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Levy-Shiff, R. (1994). Individual and contextual correlates of marital change across the transition to parenthood. *Development Psychology*. 4 (30), pp. 551-601
- Lévi-Strauss, C. (1979). La famille. In: Bellour, R. & Clément, C. (Orgs.). *Textes de et sur Claude Lévy-Strauss*. Paris: Gallimard.
- Lebovici, S. (1987). *O bebê, a mãe e o psicanalista*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Levandowski, D. C. & Piccinini, C. A. (2002). A interação pai-bebê entre pais adolescentes e adultos. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 15(2), 413-424.
- Lewis, M. (1987). Social development in infancy and early childhood. In Osofsky, J.D. (1987). *Handbook of infant development* (pp. 419-493). New York: Wiley.
- Lima, R.A. (2010). O teste do Desenho do Casal no diagnóstico da satisfação conjugal. Tese de Doutorado apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de S. Paulo.
- McGoldrick, M., Heiman, M., & Carter, B. (1993). The changing family cycle: a perspective on normality. In F. Walsh (Ed.), *Normal family processes* (pp. 405-443). New York, USA: Guilford.

- Minuchin, S. (1982). *Famílias: Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Menezes, C. C. & Lopes, R. C. S. (2007). Relação conjugal na transição para a parentalidade: gestação até aos dezoito meses do bebé. *Psico-USF*. Vol. 22, nº1, pp. 83-93.
- Monteiro, S. (2005). Contextos Relacionais na adaptação à maternidade: estudo da influência das relações afetivas com os pais durante a infância e adolescência e do suporte social na idade adulta. Dissertação de Mestrado pela FPCEUL.
- Moro, M. R. (2002). Os ingredientes da parentalidade. *Enfants d'ici venus d'ailleurs*. Paris: La Découverte. Pp. 117-132
- Neder, M. & Quayle, J. M. (1996). O luto pelo filho idealizado: o atendimento psicológico de casais ante o diagnóstico de malformação fetal incompatível com a vida. Rio de Janeiro: *Coletâneas da ANPEPP*
- Öhman, S. G., Grunewald, C. & Waldenström, U. (2003). Women's worries during pregnancy: Testing the Cambridge Worry Scale on 200 Swedish women. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 17, 148-152.
- Parke, R. D. (1996). *Fatherhood*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Petrini, J. C., Alcântara, M. A. & Moreira, L. V. (2007). Desafios ao estudo da família contemporânea. *Revista Krínein*. Argentina.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: Levels, sources, and consequences. In Lamb, M. (1997). *The role of the father in child development* (pp. 65-103). New York: John Wiley & Sons.
- Piccinini, C. A., Silva, M. R., Gonçalves, T. R., Lopes, R., & Tudge, J. (2004). O envolvimento paterno durante a gestação. *Psicologia: Reflexão e crítica*. Vol. 17, 3, pp. 303-314
- Piccinini, C. A., Tudge, J., Lopes, R. C. & Sperb, T. (1998). *Estudo longitudinal de Porto Alegre: Da gestação à escola*. Projeto de Pesquisa, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Piccinini, C.A., Levandowski, D.C., Gomes, A. G., Lindenmayer, D. & Lopes, R. (2009). Expetativas e sentimentos dos pais em relação ao bebé durante a gestação. *Estudos de Psicologia*. 26(3) pp. 373-382
- Rapoport, R. & Rapoport, R.N. (1982). British Families in Transition. In Rapoport, R.N. & Rapoport, M.P. and Fogarty, R. (eds). *Families in Britain*. London: Routledge & Kegan Paul.

- Raphael-Leff, J. (1997). *Gravidez: A história interior*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ribeiro, M. T. (2007) *Família: Comunidade Educativa – Filhos hoje, Pais amanhã*. Comunicação Oral no Auditório da Assembleia da República. Lisboa
- Roudinesco, E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: J. Zahar
- Scabini, E., & Cigoli, V. (2000). *Il familiare*. Milano: Raffaello Cortina Editore.
- Scabini, E. & Iafrate, R. (2003). *Psicologia dei legami familiari*. Milano: Società editrice
- Shapiro, K., Arnell, K. & Raymond, A. (1997). The attentional blink. *Trends in Cognitive Sciences*. Vol. 1, No. 8.
- Slade, A., & Cohen, L. J. (1996). The process of parenting and the remembrance of things past. *Infant Mental Health Journal*, 17 (3), 217-238
- Siddiqui, A., & Hägglof, B. (2000). Does maternal prenatal attachment predict postnatal mother-infant interaction?. *Early Human Development*, 59, 13-25.
- Simionato, M.A., Oliveira, R. G. (2003). Funções e transformações da família ao longo da história. *I Encontro Paranense de Psicopedagogia*.
- Slade, A.; Cohen, L.J. (1996). The process of parenting and remembrance of things past. *Infant Mental Health Journal*. 17(3): 217-238.
- Silva, M. C. P. (2004). Prefácio à edição brasileira. In: Solis-Ponton, L. e Silva, M.C.P. (2004). *Ser pai, ser mãe, parentalidade: um desafio para o terceiro milênio*. São Paulo: Casa do Psicólogo
- Soldera, G. & Mussato, S. n.d. Introduzione alla generativita. In: http://printfu.org/read/albertino-mussato-3774.html?f=1qeYpurpn6Wih-SUpOGul6ynh627uKrGvK6wYm7ybnIrrm7kbHYrpqfkubdkK_Zr56WppHg2ufc0uDCudPgy5eo2KagsIfaiqDjrJ6nrojd4dncqaWU2snI5d7d56LU2NOT0dPrINbN09XlmODZx9nW09PipdfZ1s7k09Xno8vY0tfV3d_YotjJ1pSk6w
- Stern, D. (1997). *A constelação da maternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas
- Suassuna, A. M. V. (2001). *A psicopatologia do laço pais-bebê*. N.d.
- Trindade, E. & Bruns, M. A. de T. (1999). *Adolescentes e paternidade: Um enfoque fenomenológico*. Ribeirão Preto: Holos.
- Torres, A. (2002). Casamento: uma conversa a duas vozes e em três andamentos. IN: Cardoso, J. P. & Nunes, A.S. (2002). *Análise Social: Famílias*. Revista do Instituto de Ciências Sociais da Universidade Lisboa. Volume XXXVII
- Viladrich, P.J. (2002). *El pacto conyugal*. Documentos del Instituto de Ciencias para la familia. Universidade de Navarra

- Villemor-Amaral, A. E. & Pasqualini-Casado, L. (2006). A cientificidade das técnicas projetivas em debate. *Psico-USF*, 11 (2), 185-193.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 181-186.
- Wall, K., Aboim, S. & Marinho, S. (2010). Perfis de Paternidade no Portugal Contemporâneo. In Wall, K., Aboim, S. & Cunha, V. (Eds.), *A Vida Familiar no Masculino: Negociando Velhas e Novas Masculinidades* (pp. 313-332). Lisboa: Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego
- Weissman, S., & Cohen, R. S. (1985). The parenting alliance and adolescence. *Adolescent Psychiatry*, 12, 24-45
- Zornig, S. M. A. (2010). Tornar-se mãe: o processo de construção da parentalidade. *Tempo psicanalítico*. Rio de Janeiro. Vol. 42,2, pp. 453-470

Anexos

Anexo I – Instrumentos utilizados

a) Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

A. DADOS PESSOAIS

1. Nacionalidade:

2. Idade: _____

3. Escolaridade/Habilitações literárias:

4. Profissão: _____

B. COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR E OUTRAS PESSOAS SIGNIFICATIVAS

- Composição do agregado familiar

PARENTESCO	IDADE	GENERO	PROFISSÃO

- Outras pessoas significativas

NOME	PARENTESCO	IDADE	GÉNERO

C. DADOS RELATIVOS À GRAVIDEZ

1. Gravidez (Saudável, complicada, de risco, etc.)

2. É o primeiro filho? Como foi a primeira gravidez?

b) A Entrevista Clínica Geracional

Entrevista Clínica Geracional

Em primeiro lugar, gostaríamos que se concentrassem, que mergulhassem nas vossas origens ou seja, no ambiente de vida, nos lugares, nos momentos históricos, nas tradições, nas relações familiares, como se voltassem atrás no tempo (usem os olhos da criança e do adolescente que há dentro de vocês).

Poderão surgir cenários e imagens na mente de cada um. Gostaríamos que os focassem. Permitam-se a ficar algum tempo nesta imersão; podem fechar os olhos se quiserem.

(O entrevistador coloca as questões aos dois membros do casal)

1 – Agora gostaríamos que cada um de vocês nos mostrasse a sua história. Quem quer começar?

2 - Pensando na sua família, quais eram os momentos mais importantes da vida familiar? Mergulhe novamente seja em situações da vida quotidiana, seja em momentos particularmente significativos da vida familiar. O que acontecia?

3 - Agora observem estas imagens. (São apresentadas as reproduções dos quadros de paisagens). Cada um escolha, em silêncio, uma imagem que exprima e torne visível o seu ambiente de origem.

3.1 - Podem comentar a imagem que escolheram?

3.2 - Podem comentar a imagem que o outro escolheu?

4 - Quais eram as regras de ouro utilizadas para organizar as relações entre os membros da família e entre a família e o exterior? Quem as ditava e de que forma?

5 - Poderiam relatar algumas memórias de infância sobre:

5.1 - a sua relação com a sua mãe

5.2 - a sua relação com o seu pai

5.3 - a relação entre irmãos (se não tiverem, considerem as relações com primos ou amigos)

5.4 - a sua relação com outras figuras particularmente significativas.

6 - O que aprenderam sobre as relações de casal e sobre a vida de casal com a família de origem? Encontraram "regras de ouro" também a este respeito? Poderiam dar um exemplo da relação entre os vossos pais através de uma ou duas recordações?

7- Recorrendo às vossas recordações poderiam dizer-me alguma coisa a respeito da relação entre os vossos pais e as respetivas famílias de origem? Que acontecia?

Eixo do casal (B)

Neste ponto o entrevistador dirige-se aos membros do casal e deixa-os falar.

1 - Como é que se conheceram?

2 - O que fez com que se terem encontrado se tornasse num laço?

3 - O que pensam ter casado no outro?

4 - Encontraram um no outro o que estavam à procura?

5 – O que descobriram de novo no outro?

6 - Houve algum momento particularmente difícil na vossa relação? Como o enfrentaram?

7. - Agora têm à vossa frente uma nova série de imagens (apresentam-se as reproduções dos quadros de casal). Escolham cada um uma imagem que possa expressar como vive a relação de casal e os sentimentos que experiencia.

7.1 - Podem comentar a imagem que escolheram?

7.2 - Podem comentar reciprocamente a imagem que o outro escolheu?

8 - Agora gostaríamos que falassem sobre o vosso encontro com as respectivas famílias de origem. Podem representar esse encontro através de episódios da vossa vida quotidiana, ou com metáforas ou imagens.

8.1 - Comentem reciprocamente aquilo que o parceiro acabou de dizer a propósito do seu encontro com a vossa família de origem.

9 - Como veem o vosso futuro de casal?

A Transição Generacional (C)

(Novamente o entrevistador dirige-se a ambos os parceiros e deixa-os falar.)

1 - Antes de se começarem a vossa vida em conjunto, como imaginavam a vida familiar? Podem dar alguns exemplos de como imaginavam?

2 - Na realidade da vossa vida quotidiana, que imagens se realizaram e que imagens não se realizaram? Que aconteceu conforme imaginaram e que aconteceu de forma diferente?

3 – O que consideram importante transmitir aos vossos filhos? Que valores? Que modelos de vida?

3.1- Tem alguma relação também com o que receberam dos vossos pais?

4 - Pensam conseguir (ou ter conseguido) passar esses valores e modelos de vida? (Que poderia sido um obstáculo? e um recurso?)

5 - Pensem nos vossos filhos (no caso de ser mais que um). A quem saíram e o que têm de específico deles mesmos?

6 - O que causou maior dor e o que deu maior confiança e esperança na vida familiar?

c) Guião de instruções “Desenho da Gravidez”

***Instruções do Instrumento projetivo
“Desenho da Gravidez”***

Queria vos pedir que individualmente, cada um imagina a gravidez, que tirasse um momento para pensar em todo este período. Agora pedia-vos que também individualmente desenhassem como imaginam a gravidez.

(passado 10 a 15 minutos)

Queria vos pedir que agora mostrassem o desenho ao vosso parceiro, que trocassem e cada um comentasse o desenho de cada um e comentasse como tem sido esta jornada para vocês.

Anexo II: Consentimento informado

Consentimento Informado **“A construção do projeto parental”**

Título: Aplicação do instrumento a “Entrevista Clínica Geracional” e do instrumento “Desenho da Gravidez”

Autora: Rafaela Oliveira

Orientadoras: Fabrizia Raguso e Liliana Trigueiros

A presente investigação está integrada no Centro de Estudos da Faculdade de Filosofia de Braga e tem como principal objetivo a análise dos processos familiares subjacentes à construção do projeto parental.

Pretendemos então compreender as principais mudanças que acontecem no período de gravidez e a forma como os pais imaginam e percebem a parentalidade.

A participação neste estudo consistirá na resposta a uma entrevista e toda a entrevista será gravada por áudio. Os dados recolhidos serão usados apenas para fins de investigação.

Sendo assim, os dados obtidos neste estudo serão confidenciais e mantidos em anonimato. Os participantes nunca serão identificados e poderão desistir da entrevista a qualquer momento.

No ano final do ano letivo de 2011/2012, os resultados da investigação estarão concluídos e se estiver interessado em ter acesso aos resultados da investigação, poderá contactar a autora.

Eu _____, aprovo que li este consentimento informado e que me foi assegurado que os dados recolhidos serão mantidos em anonimato, sendo que qualquer dúvida que tenha, poderei contactar diretamente a autora.

Data:

Assinatura:

Agradeço desde já a sua colaboração. Para qualquer questão adicional ou esclarecimento que julgue necessário, não hesite em contactar: Rafaela Oliveira, através do número 912450040 ou ainda através do correio eletrónico: trafaola_oliveira@hotmail.com

Anexo III: Grelha de análise de conteúdo final

CATEGORIAS			INDICADO RES	U. REGISTRO	RECORTES
3ª ord	2ª ord	1ª ord			
CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO EM COMUM	Projeções em relação ao futuro da família	Prefiguração/projeção do futuro do casal e familiar	Prefiguração da família	Prefiguração positiva do futuro do casal e família	“(…) eu imagino bem, estamos a trabalhar par fazer uma família feliz, com uma familiar que tenha tudo que precise e que tenha o apoio de todos.” (P6) “Quero muitos filhos em casa! (...) quero assim uma casa cheia. Imaginei sempre assim.” (F6) “Quero muitos mas quero é um ambiente familiar bom... (...) Não penso nisto todos os dias claro mas faço porque tudo corra bem!” (P6) “Estamos agora a fazer uma fusão (...) para ficar maior. Mas, principalmente ... feliz. (P6)” “Quero a casa cheia, sempre tive assim em casa e sempre gostei...” (C3) “Queríamos mesmo continuar a construção da nossa família... porque já o eramos e somos mais com o bebé...” (H3) “é o nosso fruto... a família está a crescer com ele!” (C3) “Agora que realizamos o projeto” (S9)

		Desejo de ter mais filhos	Expetativas de ter mais filhos	Prefiguração e expetativas de ter mais filhos	“Eu imagino-nos... unidos, com os filhos, tenciono ter mais...” (D1) “gostava de ter mais” (J7) “Depois o muro, estamos a construir uma base, e a nossa casa... que também estamos a construir o lar não é? Depois desenhei um carro pelo sentido de que não passamos assim tao tempo em casa mas que precisamos de viajar não é... de sair... este edificio será... será como se fosse o trabalho... algo importantíssimo na minha vida... o meu trabalho e que eu gosto. É como “casa- trabalho” ; “trabalho – casa”. E que na gravidez.. bem tem sido isto... construção... “ (P6) “Imagino-nos unidos a tentar transmitir os filhos que fomos recebendo” (M2) “Portanto, passados 3 meses já andávamos com as alianças; pouco tempo depois já falávamos em casamento.” (H3) “antes de a conhecer nem pensava nisso, depois de a conhecer pensamos sinceramente em construir algo juntos.” (C3) “sempre tive na minha mente que um dia... queria ter filhos” (J7))
	Diferenciação em relação à família de origem	Construção da relação conjugal pautada pela diferenciação da família de origem	Relação de casal diferente da relação de casal vivenciada na família de origem	Procura pela diferenciação da família de origem	“o que vimos errado não repetimos.. são anos diferentes apesar de ser a mesma situação obviamente...” (S9) “Acho que o que se tenta fazer, e eu e o Miguel tentamos fazer... se calhar se houve alguns exemplos em que no seio familiar, do que fomos vendo... que se calhar era menos bom, tentar tirar uma lição daí.. se correu mal e achamos que não estava bem, então tentamos não repetir.. há sempre exemplos a retirar daí.” (S9)
	Não planeamento da construção do	Não idealização da construção da vida familiar	Pouca prefiguração do futuro familiar por parte do	Pouca projecção do futuro familiar e casal por parte do homem	“Eu acho que nem imaginava... todas as fases que passamos... nunca imaginei ou idealizei.. foi tudo acontecendo...” (S7) “... é como a Sofia diz, sempre sem... tudo que acontecer... aconteça naturalmente.” (J7)

	projeto em comum		homem	Pouca antecipação em relação futuro por parte do homem	“(...) nunca pensei nisto, no como seria... sempre quis ter um filho mas nunca pensei em juntar-me ou casar-me, sempre disse quem me dera ter um filho mas se calhar nem que viesse duma situação que não era para ser... que não eramos casal... (...) adorava ter um filho (...)” (R5) “Eu sempre quis... bem eu sempre disse que até aos 30 não queria casar, não queria ter filhos... Até aos 30 quero divertir-me imenso! E fiz isso... a minha família não queria que eu fizesse isto. Não me queria casar cedo para depois andar a procura fora de casa...” (R5)
	Projeção na família de origem sobre a própria construção do projeto familiar	Influência da família de origem no desejo da construção de uma família / projeção de um futuro semelhante ao que viveram	Construção do casal pautada pelo que foi vivenciado da relação da família	Procura pela continuidade geracional na construção do projeto em comum	“Foi porque tudo o que vi na minha família, nos meus pais, também queria para mim. E eu dizia muitas vezes à minha mãe, que gostava de encontrar um homem como o meu pai, porque o meu pai é uma pessoa que esta sempre bem com tudo não reclama com nada, pronto. Hoje é menos passivo, já foi mais paciente. Mas pronto é uma pessoa que se da bem com toda gente, e então tudo o que eu via neles eu também queria para mim. Tinha essa consciência, portanto era esse o desejo. Podia não acontecer, mas felizmente aconteceu. Mas era esse o desejo, olhava para eles e pensava que queria uma família assim” (C4) “(...) eu sempre quis ter a harmonia que via la em casa, como é óbvio, não é. E é o que eu quero para agora e para o futuro... nunca ninguém (...) nunca me disseram é assim ou assado. De sempre me derem a liberdade de escolher, a nível de estudos a nível de namoradas a nível de tudo. Sempre foram bem aceites” (M4) “Na pessoa que ele é. Como eu disse á bocado, projetava isso para a minha vida e ele é exatamente o que eu projetava.” (C4) “Comigo teve influencia...a minha família era enorme; eu queria muitos filhos, queria casar... muito mesmo.” (M5)

	Prefiguração/projeção do futuro do casal e familiar	Chegada do filho como fator importante da união do casal	Projeção da continuação da união do casal especialmente com a chegada do filho	Nascimento do filho como motivo de união	“Imagino cada vez mais unidos, com os anos e maturidade torna-se melhor a relação!” (B8) “Especialmente agora com o Manuel a chegar... As coisas com o tempo não ficam deterioradas, com menos amor... com os anos aprende-se a lidar com as situações e aprendemos a gostar cada vez mais um do outro, temos de namorar sempre!” (M8)
CATEGORIAS			INDICADORES	U. REGISTRO	RECORTES
3ª ord	2ª ordem	1ª ordem			
DIMEN SÃO CONJUGAL	Construção da relação conjugal	Construção da relação familiar pautada pelo encontro do casal	Relação conjugal e encontro do casal	Prefiguração de relação conjugal após o encontro entre o casal	“(...)e claro, começamos a estabilizar, a ficar mais pacata e reservada e aí conheci-o e deu no que deu.” (D1) “Conhecer a Daniela... foi... transformou-me da água para o vinho mesmo!” (G1) “(...) Eu quando comecei a namorar, ou um ano antes, só é que percebi... é que quis construir família, ter as poupanças, ter a minha casa... só a partir dos 30 anos... não planeava nada. (G1)
	Dificuldades sentidas pelo casal na construção da relação	Dificuldades iniciais na vida familiar	Dificuldades sentidas na saída da casa	Choque na saída da casa dos pais	“ao início ficou aquele choque, de sair de casa dos pais e juntarmos nos, foi complicado, muito mesmo...” (D1)
			Dificuldades iniciais na relação	Dificuldades de adaptação inicial à vida conjugal	“porque não se enquadra, primeiro que a gente encontre ali um núcleo... uma estabilidade... é complicado... porque ele fez isto e eu aquilo e... pronto é complicado.” (D1)

	Qualidades afetivas na união	Transmissão geracional do estilo de relação	Dimensões importantes da relação conjugal dos pais transmitidas para o casal atual	Dimensões que o casal se revê nos pais	“É assim, a relação dos meus pais, (...) a maior característica que vejo na relação deles é a nível de sacrifícios, ou seja, têm uma força de sacrifício um pelo outro enorme, mas em que a minha mãe, não sei como é que hei-de dizer, a minha mãe só vê o meu pai ...” (P6) “É a eterna paixão ...” (F6) “E o meu pai também está apaixonado e gosta de agradar e gosta de ajudar ...como eu.” (P6)
			Transmissão geracional do estilo de relação	Dimensões que o casal gosta na relação dos pais	“Eu não sei, até pode acontecer que passe para nós, mas se calhar de uma forma inconsciente. Os meus pais sempre se deram muito bem, olho para eles e gosto da relação deles ...” (F6)
		Partilha a dois como dimensão do laço conjugal	Relação de casal e dimensão da partilha	Dimensão da partilha como fundamental para a relação conjugal	“acho que se casamos é uma vida a dois, para ser partilhada em todos os sentidos.” (M8)
		Dimensão do compromisso	Relação de casal e compromisso	Compromisso assumido perante a família	“ (...) já disse à mãe dele que foi a melhor coisa que me aconteceu... ao longo dos meus últimos anos para cá.” (M5)
		Dimensão da união	Relação de casal e união	Dimensões que o homem considera que conduziram a união do casal	“Eu vi que ela era jeitosa. É jeitosa, é bonita, também eh compreendia-me bem. Não arranjava, tenho que ir para ali tenho de ir para lá, não arranjava complicações por nada. Estava tudo bem também. Sempre foi :: és muito liberal, acho que eu também sou liberal. Saía com as amigas, então vai lá com as amigas, tenho de ir jantar, tem de ser rápido a fazer, vai lá. [sim sim, respeitar o espaço um do outro, isso é muito importante eu acho]. É acho acho que foi muito isso. Muito desse estado de espírito,:: e depois [sim e não e não sufocar, no fundo] é :: muita liberdade...” (M4)

		Diferenciação individual como ponto-chave na relação conjugal	Dimensão da diferenciação	Importância da diferenciação individual na relação de casal	Neste aspeto acho que aprendi sozinha... as minhas irmãs são mais retrogradadas, eu estive casada anteriormente, sei bem o que pode correr mal... elas são submissas, eu procuro a minha liberdade na relação...(M4) “Gostamos um do outro... mas... estamos juntos mas cada um é cada um, entende? Somos duas pessoas” (R5)
	Resiliência conjugal como elemento essencial para o futuro	Como o casal pretende que seja o seu futuro	Dimensão da resiliência	Dimensão da resiliência do casal perante o futuro	“O nosso futuro depende de nós.. e eu se queremos isto...” (P6) “Temos de ser conscientes mas também temos de trabalhar para que tudo corra bem... discussões haverá sempre, precisamos de comunicar... não é? Falar... e resolver para o bem de nós e da nossa família que estamos a construir. É essencial... vamos lutar por isto não é?” (F6)
		Dificuldades ultrapassadas pela perda de um filho	Dificuldades na relação sentidas com a perda do filho	Perda do primeiro filho como “abanão” na relação conjugal	“A perda do meu filho também foi... isto porque...” (M) “Pois tanto perdemos como soubemos que íamos ter outro, na mesma semana. Foi um abanão.. mas para um bom sentido, deu para a gente pensar, que íamos ter um filho e perdemos dum momento para o outro, sem o saber. No entanto, soubemos que estava novamente grávida, pouco tivemos de enfrentar porque foi tudo muito rápido! Num espaço de 15 dias soubemos das duas notícias... Aí decidimos cuidar mais dela, ter mais calma...” (R5)

CATEGORIAS					
3ª Ord	2ª Ord	1ª Ord	INDICADORES	U. REGISTRO	RECORTES
AMBIENTE DE ORIGEM	Principais relacionamentos	Recordações do relacionament	Relacionamento positivo com o pai	Complexo de Electra - Pai como figura importante da	“Eu com o meu pai, atravessei aquela fase, que eu acho que todas as miúdas atravessam, que é tipo, é a primeira paixão, andava sempre com o

	do ambiente de origem	o com o pai		infância	meu pai quando era pequena, sempre com ele para trás e para a frente.” (F6)
			Pai como elemento educativo	Figura do pai educador	“Com o meu pai sempre foi mais disciplinar, por assim dizer, sempre foi, mas em último caso é, e sempre será, o meu maior professor, ou seja a pessoa com quem eu aprendo, e que me conta os erros dele para que eu não os faça também(...)” (P6)
		Recordações do relacionament o com a mãe	Relação entre mãe e filhos	Pouco valor dado à mãe na infância	“se calhar não daria tanto valor quando era mais miúdo mas que comecei a ganhar com a idade algum valor que não tinha.” (P6)
			Papel de mãe de cuidadora	Figura da mãe de cuidadora	“ (...) eu olho para a minha mãe com muito respeito, gosto muito dela e olho como uma amiga também, no fundo (...)” (P6)
	Contextua lização do ambiente de origem	O lar como suporte	O lar como principal ponto de acolhimento e suporte	O lar como fonte de apoio	“A ideologia é que a casa será sempre um forte onde nós estamos debaixo de muros” (P6) “Portanto a ideia que me foi incutida, por assim dizer, é ter responsabilidade e ter força, e manter, e se precisar o forte é em casa.” (P6)
				Lar acolhedor	“Não sei, acho que retrata um sítio pacífico, silencioso (...) mas ao mesmo tempo é, porque é familiar, é acolhedor.” (F6)

CATEGORIAS					
3ª Ordem	2ª Ordem	1ª Ordem	INDICADORES	U.REGISTRO	RECORTES
APOIO	Principais elementos que apoiam o casal	Apoio da família de origem durante todas as fases da vida do casal	Apoio da família de origem ao casal	A importância da experiência da família de origem para a nova relação familiar que se constrói	“Nos conhecimentos que tenho e que nos passam, os avisos que nos dão, não faças isto, olha aquilo e não sei quê, tens que experimentar isto...” (F6) “Na experiência” (P6) “Sim, na experiência, com base na experiência deles, os conhecimentos que nos transmitem a nós, e depois em todo o suporte que nos dão como por exemplo nisto, tipo vamos lá jantar, vamos almoçar, não tenho de estar a cozinhar a arrumar.” (F6)
				Apoio da família de origem	“agora que realizamos o projeto, sentimos a loucura da parte deles que é, apoiar-nos a 100% por sabem que temos as nossas vidas profissionais, porque não temos horários para sair por exemplo.” (S9)
			Apoio do sogro como fundamental nas decisões do casal	Valor dado aos conselhos do sogro e apoio dado	“Deu para perceber que a minha posição de que me pode ajudar, o teu pai; procura saber, aconselhar-me... está sempre por trás das nossas decisões não é? Ajuda-nos imenso.” (B8)
			Presença no futuro da nova família	Projeção do papel da família de origem no futuro	“e acho que o papel deles será mais fundamental a partir de agora ...” (F6) “(...) são as pessoas que mais se preocupam... mesmo a nível de ofertas para bebe, já temos tudo graças a eles. Nós temos a sorte de viver perto deles, qualquer coisa eles estão la perto... já facilita muito as coisas. Não temos nada com que nos queixar, nem dum lado nem doutro.” (S7)

CATEGORIAS					
3ª Ordem	2ª Ordem	1ª Ordem	INDICADORES	U.REGISTRO	RECORTES
TRANSIÇÃO PARA A PARENTALIDADE	Não planeamento da gravidez	Não planeamento da gravidez ligada à dificuldade em aceitar a gravidez	Dificuldade em aceitar a gravidez	Choque na descoberta da gravidez	“quando demos por ela já estava grávida, como dizer... não estava planeado... mas pronto decidimos continuar...” (G1) “E não sabíamos da gravidez... foi complicado... foi um choque quando soubemos porque não esperávamos... (...) uma pessoa aceita e claro, muda totalmente a ideia... e depois as coisas mudam.” (D1)
				Grav. não esperada	“não estava à espera, não queria já... mas pronto...” (D1)
	Gravidez como parte da vida conjugal	Gravidez como fator de união do casal	Casal mais unido graças à gravidez	Gravidez aproxima o casal	“Estamos juntos há pouco... mas o facto de ter ficado grávida, aproximou-nos mais” (D1) “O facto de... de ter ficado grávida também nos acalmou um bocadinho, nos juntou mais, mais compreensivos...” (G1)
	Vivências no período da gravidez	Construção da relação conjugal durante a gravidez	Mudanças sentidas na relação conjugal	Diferenças sentidas na relação conjugal após a gravidez	“A relação tem de ser assim... evolui até... não é?” (M9)
		Expectativas sobre a maternidade	Expectativas e desejos sobre a maternidade	Projeção e desejos sobre a maternidade	“até tenho sensações de “deja vu”, porque já penso que tenho sonhado com isto... de que iria correr assim, com calma... Mesmo na gravidez e na relação com o Miguel, é como um pressentimento que ia ser assim. E honestamente, antes de pensar em casar e ter trabalho... eu sempre quis ser mãe, quando tivesse uma estabilidade na vida... sempre desejei ser mãe...” (S9)

		Expetativas e receios	Expetativas e receios em relação ao futuro	Expetativas e receios relativamente ao futuro	“já fomos falando... e uma altura, até comentamos se estaríamos preparados ou não para ser pais... é difícil... Passar o respeito... como o passar. Tenho a noção que vou dar o meu melhor, e espero que este meu melhor corresponda as expetativas e que o meu filho cresça e seja um adulto impecável, agora vai depender de muitas coisas... “ (S9) “eu sei que agora vai ser uma fase difícil porque vem uma criança... são 24 horas por dia... o nosso filho temos de ter... paciência os dois... para ele! E vai haver alturas que vamos “estar por aqui” ou porque chora com fome, ou porque chora por causa das cólicas, ou dentes ou que seja. E certamente ela vai perder um bocado a paciência, mas acho que... são coisas que temos de ser capazes de passar e sei que algum dia vou disparatar, responder.. mas ela sabe...” (G1) “E os receios agora que se aproxima o parto e à hora dela chegar são maiores. Mas também eu também penso os meus pais os pais dele, também nos criaram e se a gente precisar também o chama.” (C4) “O que é que se faz agora?” [questão lançada em relação ao futuro] (M4) “E vai correr bem, exato. O que fazer agora, o que tenho de fazer agora. Mas acho que vai correr bem.” (C4) “Já nos avisaram que o primeiro mês é o pior. Mas depois, também nos também viemos para entrar na rotina e depois, acabamos por também temos aquele instinto de mãe de certeza (...)” (C4)
--	--	------------------------------	--	---	--

					“Para mim é mais o receio... também... aquela ansiedade... o receio ao mesmo tempo do que nos espera... mas transmitir isso numa imagem ou desenho é difícil. Por um lado, é o... um sorriso, da alegria... e por outro lado é a interrogação do que nos vai esperar, será que vou dar conta do recado, vou ser muito preocupada, muito stressada? É uma incógnita...” (S3) “Ainda falta um tempinho mas pronto, é uma ansiedade... pronto ansiedade positiva não é?” (H3) “A gente vê-se perante as coisas, e tem de saber resolvê-los e pronto acho que vai correr bem.” (C4) “sim, sim, os primeiros dias devem ser complicado, a mulher está cansada, está irritada, e se calhar vai responder mal, se calhar vai...se o marido também não for um bocadinho tolerante... ter que começar a responder mal, levar tudo à estalada” (C4) “Eu sinto uma alegria enorme... uma ansiedade...” (G1)
			Receios face ao futuro com a criança	Dificuldade em saber como agir em determinadas situações com os filhos	“Educação, é o que eu digo...só quando tem os nossos é que... mas quando vemos os outros dizemos “ai se fosse o meu!”, mas nem sabemos quando for o nosso... não devíamos dar a opinião. “ (S7) “É tudo uma utopia não é? Só na prática é que sabemos... com planos... “vai ser assim”, é importante não tentar... o ponto fulcral é o não proteger demasiado, mostrar realmente como é o mundo.” (J7)

		Projeção do futuro do casal/família	Projeção do sexo do bebê	Idealização e projeção de que será um rapaz	“Ainda não temos a certeza absoluta se é menina ou menino, mas possivelmente será um menino... na primeira ecografia disseram-nos isso, na última não deu para ver.. E as pessoas têm oferecido roupas de menino, nós vemos que ele dá xutos e tudo...” (S7) “Pensamos em nome de rapaz logo de início... Estamos decididos no nome de rapaz, será o Tomás em princípio. Para menina tínhamos muito nomes, se for menina seria mesmo complicado... depois tivemos a notícia que seria um rapaz.” (J7)
			Expetativas sentidas em relação ao bebê	Expetativas de que a bebé seja igual á mãe	“Se for como a mãe será calminha de pequenina se for como o pai é mais irrequieta. “ (M4) “Esperemos que saia como a mãe. Mas imaginamos isso tudo, não é” (C4)
	Tornar-se pai e tornar-se mãe	Importância da relação tranquila durante a gravidez	Transmissão de tranquilidade do casal durante a gravidez	Importância da gravidez como um período tranquilo e alegre para transmissão disso mesmo ao bebê	“Eu acho que influencia para o lado positivo, costuma-se dizer que se ela começar a receber já esta alegria, este carinho, a partir de dentro, quando sair será uma pessoa feliz, mais acarinhada!” (M5)
		Gravidez como período sensível para a mulher	Sentimento de sensibilidade profunda	Sentimento de sensibilidade forte sentido pela mulher neste período	“Nós andamos mais sensíveis.” (C4)
		Concretização de expetativa	Expetativas em relação ao futuro	Expetativas face à chegada do bebê e mudanças	“Eu acho que só me vai cair a ficha... mesmo quando ele nascer... sério... (...) para mim está tudo muito normal” (G1)

		s e desejos parentais	Transição da idealização da para a concretização da gravidez	Dificuldade em engravidar	“Algo que custou mais foi... se calhar o facto de não ter engravidado logo... a médica disse após um ano, que se dentro dum mês ou dois não engravidasse, ia para a consulta no hospital para a esterilidade. Quando recebi o postal a dizer a data de quando tinha a consulta, que era em outubro, em julho recebi e eu em agosto engravidei! Ou seja, isto depende não é... a pressão... há colegas nossos que tiveram de fazer tudo sem naturalidade, sem prazer... enfim é difícil... depende de casal para casal. “ (S7)
				Instinto maternal como parte integrante de si mesma desde a infância	“Quando eu tinha 6 anos... nasceu o meu irmão, lembro me de ajudar a minha mãe, tinha aquele instinto maternal... quer dizer não posso dizer maternal porque aos 6 anos... mas já tinha aquela queda para gostar de crianças e sempre ajudei a minha mãe a tratar das roupas dele... dediquei-me imenso a este irmão.” (D1)
		Período da gravidez marcado pela mudança	Mudanças psicológicas sentidas pelas mulheres na gravidez	Mar de emoções e mudança de humor presente na gravidez	“Desenhei-nos aos dois... amuada... farta disto tudo (...) Isto é tipo um mar, o mar das emoções... tao de perto estou chateada e triste como já passou. Ando neste inconstante... estes são os elementos que representam esta fase.” (F6) ” isto tem.. uma divisão.. um céu limpo como tempestade, a mudança de humor dela” (P6) “as mulheres tem reações que se calhar os homens não vão compreender se não explicarmos. Uma pessoa muda muita coisa, muda tudo... a nível físico, a nível psicológico..”(S7)
			Mudanças físicas sentidas pelas mulheres na gravidez	Mudanças físicas presentes no período da gravidez	“desenhei-me a mim toda redonda”(F6) “há pessoas que não tem sintomas da gravidez, eu tive uma fase mais complicada com os sintomas” (S7)
			Mudanças no período da gravidez	Mudanças por causa da gravidez	“E na fase da gravidez tudo se altera” (D1)

		Momento presente do casal – a gravidez como período calmo e sereno	Dimensão da serenidade do fundamental na gravidez	Gravidez retratada como período calmo por parte da mulher	“Estou a desenhar a praia porque gosto imenso de praia. E lá sinto-me muito bem! E então esta fase da gravidez, eu estou a viver com muita alegria. Estou a adorar! ::: As vezes é um bocado (...) porque ele já se mexe muito, e às vezes aleija-me. Mas, ::: como estou a gostar tanto e como adoro a praia associo as duas coisas. Talvez por isso. É o que melhor retrata.” (C4)
	Envolvimento paterno	Importância do apoio do pai na fase da gravidez	Importância do apoio do companheiro na fase da gravidez	Companheiro como fonte de apoio	“Desenhei um biberão... são tarefas... a fralda também... são tarefas que vou ter de começar a desenvolver mais não sei se... se vou conseguir mesmo mas pronto... uma fraldinha vá lá... são coisas que eu acho que... que eu vou ter de aprender, não posso deixar tudo para ela.. e pronto, também estou a pensar na fase de... de ter que conjugar o filho e o trabalho, porque certamente posso vir a ter noites que tenha que... pronto pôr a pé, não posso deixar tudo para ela. Apesar disto.. é uma alegria!” (G1) “e ele ao meu lado com um sorriso, a animar-me!” (F6) “E eu gosto que ele esteja sempre por perto. Mas acompanha-me em tudo. Mesmo nos médicos, nos...até nas aulas de preparação para o parto (...)” (C4) “Quem tem de dar apoio tenho de ser eu...” (M9) “O pai tem de estar presente... “ (M9)
	Envolvimento relacional do casal	Importância de uma relação aberta e comunicativa durante a gravidez	Comunicação entre os futuros pais durante o período da gravidez	Importância da comunicação entre os futuros pais durante a gravidez	“A relação de um casal deve ser mesmo aberta nesta fase” (S7) “e se a gente não fala... a outra pessoa acaba por não perceber, vamos sempre falando das coisas, ao estar a par do que se passa consegue entender mais facilmente. Claro que as vezes não é fácil.. mas a fase mais complicada é no início.” (S7)

	C onstrução o real do bebê	Re conhecim ento do bebê como alteridade	Expetativas e idealizações relativamente à chegada da criança	Nomeação do nome do filho	“A nossa menina.. A Carolina que está a chegar! (F6) “Mal soubemos demos um nome! Nós já tínhamos pensado se fosse uma menina, para menino não chegamos a um consenso... mas quando soubemos demos logo o nome que queríamos.” (P6) “Pensava que ia ser uma menina mas deixei no destino... se fosse um menino, quando soubéssemos pensávamos. “ (P6) “É Beatriz.” (C4) “Mas inda não imaginamos...as feições e isso” (M4) “Nós fomos pensando em nomes e tudo (...) Queremos muito que ele venha é com saúde! Escolhemos o nome Afonso, e pronto a ver vamos quando ele chegar como vai ser. “(H3) “Todos muito felizes... e a flor é o Manuel que vem ai...” (B8) “porque o Guilherme é isso mesmo...” (S9)
			Expetativas em relação ao bebê	Expetativas de que seja uma pessoa calma	“vai ser calminha, queremos que ela seja calminha. Já temos assim algumas coisas, que estude.” (C4)
		Bebê como parte integrante da família	Bebê como fruto da relação conjugal e familiar	Filho como dimensão pertencente ao “nós” conjugal	“então nesta fase... está alguém para chegar, que é nosso, nosso fruto. Basicamente temos de nos preparar.” (P6)
		Projeção do futuro da criança	Responsabilidade e união perante a chegada do filho	Sentido de pertença / continuidade geracional	“Vem mais um ser nosso, é mais responsabilidade e união, mais um fruto para a nossa relação. “ (B8)

	Motivos que sustentam a parentalidade	Chegada do filho entendida como uma nova etapa / novo alento para a família	Relação de casal e opção pela parentalidade	Solidão do casal como base da decisão de ter um filho	“(...) mais solidão... ou seja, a criança trará outra alegria, outro ritmo! Faz-nos voltar a atras e até começar tudo de novo. Se bem que agora amos aproveitar mais este período, temos mais tempo um para o outro. “ (M)
	Modelos parentais da família de origem	O que se repete e o que se muda	Mudanças do modelo de família de origem face aos erros cometidos	Estratégias parentais e experiência	“Aquilo que se repetiu na minha família que não gostei, eu hoje tento fazer o oposto, não repito aquilo que não gostei. E quando vejo que estou a fazer algo parecido com o que vi e não gostei eu paro, e fico revoltada comigo por estar a cometer o mesmo erro. “ (M)
CATEGORIAS			U. REGISTRO	INDICADORES	RECORTES
3ª ordem	2ª Ordem	1ª ordem			
VALORES	Importância de valores de Educação	Educação	Transmissão dos valores da Educação na família	Partilha dos valores paternos da responsabilidade, do sustento da família, o respeito, dedicação.	“Agora estou a puxar ao meu pai.. esta parte de ser muito responsável... de tentar cumprir com as contas e assim... sustentar a família... acho que foi mais essa... isso que tirei na relação deles. E claro do respeito não é?” (G1) “o respeito acima de tudo... e a dedicação um ao outro, tudo o que ele faz o outro também faz e sentia isso com os meus pais.” (D1)

	o transmiti dos de geração em geração	Solidariedade	Solidariedade como elemento fundamental da educação	Valores de solidariedade pelo outro transmitidos pela mãe	“Pronto a minha mãe faz uma coisa que eu, também sou assim, pro exemplo ela gosta muito de... por exemplo, nós na zona onde vivemos, tem aquelas senhoras mais velhas de 90 anos, ela gosta de as ir visitar, levar alguma coisinha, faz muito essas coisas e acho que pronto... também gostamos de fazer coisas assim de solidariedade e essas coisas. Ajudamos muito... na nossa paróquia...” (H3)
		Respeito	Respeito como elemento fundamental da educação	Respeito como dimensão fundamental da vida familiar	“muito respeito, também era outra geração não é. Mas :: muito respeito acho que eles davam-se todos bem, também! Mesmo com a minha avó, o meu avô. :: Sempre, claro que às vezes podiam não concordar com algumas ideias...os meus avos eram de outra geração, não é! Mas tinha que se respeitar e pronto, e era o que o meu avô queria e a minha avó queria e pronto” (C4) “respeito pelo próprio e pelos outros” (C3) “Acho que se incutirmos estes valores de pessoa para pessoa, pai para filho, o respeito... acho isto mesmo importante. Acho que hoje não se dá nada a ninguém, hoje compra-se tudo, entende? E o amor, o respeito, não se compra! Eu acho que é essa a maior dificuldade de hoje em dia, é não respeitar os outros; agora tudo é visto como lucro à frente, está se sempre a ver o que se vai ganhar com aquilo, não fazem nada sem ter nada em troca, por isso deve-se trabalhar esse lado mais humano.” (M8) “Agora que vai ser o nosso... a educação, os princípios básicos de respeito, Respeito aos mais velhos era a mais importante...” (J7) “O respeito pelos mais velhos, tentar fazer o que eles nos ensinavam digamos assim. Claro que tínhamos um bocadinho de liberdade, mas acho que era mais controlado do que era agora.” (S7) “ [os valores transmitidos pelos pais] Conseguem dizer muito da maneira como somos hoje.” (C4)de... basicamente isto.” (S7)

				Transmissão do respeito perante si próprio e os outros	“No fundo, o nosso grande objetivo seria conseguirmos transmitir uma boa educação, que o nosso filho acima de tudo se respeitasse a ele próprio e aos outros, no fundo...” (M2) “Havia respeito muito respeito, tínhamos de acordar de manhã e limpar as coisas, arrumar a casa; respeitar sempre os mais velhos, porque as tarefas que realizávamos eram diferentes conforme as idades; quanto mais velhos mais responsabilidades na casa tinham, por isso nós os mais novos respeitávamos mais e fazíamos o que eles mandavam. Ainda hoje! O que acontecia em casa acontecia fora. Respeitávamos muito os mais velhos.” (M5) “O ajudar em casa, o ir a missa, o respeito em casa... são coisas que nunca faltavam em minha casa...” (R5) “Até hoje faço questão de dizer ao Ricardo para ter tento na língua, para não fazermos isso ao nosso filho.” (M5)
--	--	--	--	---	--

		Ajudar o próximo	Ajuda ao próximo vivido em sociedade	Ajuda ao próximo vivenciado em casa e repercutidos na sociedade	“Aliás, nós já moramos à tanto tempo naquela zona da cidade que toda a gente ali nos conhece e à nossa família, e sabem que assim é. Sempre nos ajudamos uns aos outros.” (F6) “E era essencialmente era a educação. Malcriação lá em casa nunca foi tida e fora muito menos, não é. E sempre foi passando :: e a verdade, não é, nunca mentir. Isso também me foi passado, de termos de ser honestos e verdadeiros e:: e muito bem educados. Isso sempre passou, sempre me transmitiu esses valores quer dentro quer fora de casa mas, mas era particularmente tratar bem as pessoas que não conhecemos e que : e que nos merecem respeito, e portanto ::, foram essencialmente esses valores.” (M4) “Procurei dar antes disso, respeito pelos outros... pelo próximo. Dar valor aquilo que realmente importa porque independentemente de terem de fazer um grande esforço para ter o que é que seja, e enfrentarem o que já enfrentamos até hoje, se eles forem homens e mulheres seguros, solidários, educados, sabendo respeitar o espaço deles e o espaço dos outros, se ficarem com uma personalidade forte mas no sentido de respeitar sempre e de serem justos com eles e com os outros, acho que se torna mais fácil; não basta aprender, não basta saber lidar com as dificuldades; é preciso ser se pessoa, como hei de dizer, pessoa boa em todos os aspetos que sabe o que quer e apesar de saber o que quer para ela não prejudica os outros” (M)
--	--	-------------------------	--------------------------------------	---	--

		Religião	Religião como elemento fundamental da educação	Religião como dimensão importante para a família	“E sempre, para além de nos proporcionar uma vida religiosa, católica, muito forte, depois claro os filhos seguem ou não, se querem, mas acho que fez muito bem como fez. (...) nós devemos... sempre nos incutiu a ideia que devemos respeitar os mais velhos, (...) uma educação completamente diferente das de agora.” (H3) “Há lá um jovem de 20 anos que está a estudar na Católica, teologia, e é pronto... ele inteira-se muito pela igreja, e claro já reparou que tem aqui dois braços direitos (risos) está sempre na nossa casa, ajudamos em muita coisa a ele e a sua família, em peças de teatro para a catequese, e outras coisas, grupos de jovens e nós entramos, estamos sempre disponíveis para isso. Mas também vem muito das... raízes. (...)” (H3)
		Tolerância	Tolerância como elemento fundamental da educação	Transmissão do valor da tolerância	“Sim, a tolerância, a tolerância sim” (M4)
		Herança geracional de valores	Transmissão de valores da família de origem para o casal	Pessoa como fruto do que foi incutido pelos pais	“Eu sou aquilo... fruto daquilo que fui ensinado... e do que me foi incutido... (S: para o bem e para o mal não é?). Acho que deve acontecer com toda gente, somos muito daquilo que nos foi incutido na adolescência... é um bocado isso.” (M)
		Dimensões herdadas da família de origem repercutidas na relação conjugal	Herança geracional do estilo de relação conjugal	Herança de dimensões como respeito, confiança e boa disposição como pontos-chave na relação conjugal	“O que aprendi no casal? Respeitarmo-nos principalmente, nunca enganar um ao outro, e acima de tudo tentar brincar sempre, todos os dias, mesmo discutindo... é lógico que há sempre discussões.” (R5) “Mas tentar contornar isso... procurar a paz com a brincadeira, ir a procura do outro não é? É uma regra que uso até hoje e faz sentido.” (M5)

		Dimensões apreendidas na relação de casal dos pais	Herança geracional do estilo de relação conjugal	Respeito, confiança e brincadeira na relação conjugal como dimensões importantes apreendidas na família de origem	“Respeitarmos principal, nunca enganar um ao outro, e acima de tudo tentar brincar sempre, todos os dias, mesmo discutindo (...)” (R) “(...) procurar a paz com a brincadeira, ir a procura do outro não é? É uma regra que uso até hoje e faz sentido.” (M5) “Tentar fazer coisas novas, não fazer sempre o mesmo. Também é bom isso, se não começa a ser chato viver numa casa...” (R5)
		Prefiguração/projeção do futuro do casal conectado pelos valores familiares	Prefiguração e projeção familiar semelhante à que viveram nas suas famílias de origem	Transmissão de “regras de outro” da relação de casal da família de origem para o casal	“Mas no fundo, por muito que não seja possível definir uma situação é óbvio que aquilo que adquirimos dos nossos pais, transmitimos para os nossos casamentos não é?...” (S)
		União	União como elemento fundamental da educação	União como dimensão fundamental da vida familiar	“A nós não é independência, é união, sempre! Por exemplo, a minha avó ficou acamada, ficou doente, nunca foi para um lar, ficou sempre em casa, a minha mãe e a minha tia a tratarem dela, depois ... Uma nora da minha avó casou-se com o meu tio, tudo bem, ia para lá, é espírito de entreatajuda, temos que estar lá para ser uns para os outros.” (F6)
		Responsabilidade	Responsabilidade como valor de educação a transmitir aos filhos	Transmissão de princípios de responsabilidade	“Não deixar fazer tudo que ele quer. Ou seja, inculcar os princípios de... as pessoas têm de ter aquilo que querem com algum esforço, sem dar tudo que ele quer sem dar valor as coisas.” (S7)

		Humildade	Humildade como valor de educação a transmitir aos filhos	Dimensão da humildade a transmitir	“Ser humilde... Acho que a humildade é muito importante.” (M5)
		Transmissão geracional de valores familiares para o filho	Transmissão da relação de casal como casal para o filho	Entendimento entre o casal como valor a transmitir ao filho	“Tentar que passe para eles a nossa relação até como casal... o entendimento, que eles um dia possam perspetivar a vida assim. Que ele consiga constituir uma família...” (J2) “No fundo semelhante a nossa, melhor que a nossa” (M2)
			Liberdade como valor para os filhos	Importância da liberdade orientada para os filhos	“dares-lhe o espaço dele, ele tem de ter o espaço dele, para ele próprio crescer, mas....” (J2)
		Apoio e carinho intrafamiliar	Apoiar os filhos tal como o casal foi apoiado pelos pais	Repetição do apoio que receberam dos pais a dar ao filho	“Tal como os nossos pais estiveram ao nosso lado, o que eles fizeram, queremos fazer. “ (J2) “mas no fundo com os mesmos valores” (M2)
			Apoio e carinho como dimensões importantes	Importância do apoio e carinho na vida do filho	“porque acho que hoje em dia, os miúdos precisam de se sentir apoiados, acarinhados...” (M2)
		Presença na vida dos filhos	Importância de estar presente na vida dos filhos	Apoio e ajuda como principais dimensões a dar ao filho	“hoje em dia mais do que nunca, temos de estar presentes na vida dele... muito...” (M2) “No fundo o que quero dizer, temos de estar na retaguarda dele, é o que eu costumo dizer...” (M2) “E naquilo que podermos ajudar vamos estar sempre ao lado dele.” (M2)

		Independência	Independência como elemento fundamental da educação	Transmissão do valor da independência	“Zelamos um bocado pela independência, ou seja a ideia incutida pelo meu pai é ser um bocado independente” (P6) “(…) mas no mundo exterior a ideologia será ser sempre o mais honesto possível, o mais verdadeiro possível com as pessoas e, obviamente, ser independente para podermos tomar decisões para nós próprios, para não termos que depender de ninguém, nunca existir uma dependência de outras pessoas que aí se torna uma coisa fora do nossos controlo.” (P6)
--	--	----------------------	---	---------------------------------------	---

Anexo IV: Grelha de análise do instrumento “Desenho da Gravidez”

Grelha de Observação

A Construção do Projeto Parental

- Análise com recurso à Entrevista Clínico-Geracional

Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga

1. Dados sobre as pessoas presentes na entrevista

Participantes	Data da entrevista

2. Principais dados recolhidos

Avaliação dos elementos do desenho

Tipologia dos símbolos: utilização de símbolos convencionais ou não convencionais, símbolos abstratos...	
Disposição espacial dos elementos	
Quais os elementos desenhados?	

O significado dos símbolos	
Explicação da simbologia dos desenhos por parte de quem desenha	
Quem representam os elementos desenhados?	
Desenha-se a si mesma(o): Como?	
Desenha o(a) parceiro(a): Como?	
Desenha o bebé: Como?	
Desenha algum membro familiar	
Comentários referentes ao desenho por parte do parceiro	

Anexo V: Grelha de análise geral dos desenhos do instrumento “Desenho da Gravidez”

Grelha de Observação

A Construção do Projeto Parental

- Análise com recurso à Entrevista Clínico-Geracional

Universidade Católica Portuguesa – Faculdade de Filosofia de Braga

1. Principais dados recolhidos

Avaliação dos elementos do desenho

Tipologia dos símbolos: utilização de símbolos convencionais ou não convencionais, símbolos abstratos...	Os casais tanto desenharam símbolos Convencionais (N=10) como Símbolos Abstratos (N=8)
Disposição espacial dos elementos	A grande maioria dos casais desenha no centro da página (N=8)
Quais os elementos desenhados?	Coração; Lâmpada; Sorriso (N=3); fralda; biberão; árvore (N=3); lâmpada; personagens homem e mulher (N=3); casa; tempestade; local de trabalho; raízes; sol (N=5); praia; flor; coração (N=2); aves (N=1);
O significado dos símbolos	Varia entre receios e expectativas em relação ao futuro (N=7) e o estado emocional das mulheres (N=2).
Explicação da simbologia dos desenhos por parte de quem desenha	Todos os casais explicaram o que estavam a desenhar e o porquê dessa escolha.
Quem representam os elementos desenhados?	Alguns casais representam o bebé (N=5);

Desenha-se a si mesma(o): Como?	Apenas três casais se desenharam a si mesmos.
Desenha o(a) parceiro(a): Como?	Apenas três casais desenharam o parceiro.
Desenha o bebê: Como?	Desenham normalmente através do sorriso e do sol (N=7) e frutos (N=2).
Desenha algum membro familiar	Apenas uma pessoa desenhava literalmente a família e três elementos de outro casal desenharam as raízes/arvores.
Comentários referentes ao desenho por parte do parceiro	Breves comentários acerca do que o outro disse e desenhava.